



DESENHO URBANO

elementos de análise morfológica

Organização: Mário Moutinho, Diogo Mateus e Judite Primo
Prefácio: Vicente Del Rio

Ficha Técnica

Título: Desenho Urbano, elementos de análise morfológica

Organização: Mário Moutinho, Diogo Mateus e Judite Primo

Prefácio: Vicente Del Rio

Introdução: Mário Moutinho

Com a Participação dos alunos do Mestrado e da Licenciatura em Urbanismo:

Carlos Alberto Nogueira Fragueiro

Eduardo Miguel Henriques Sancho Beltrão

Helder Rodrigues Gaspar

Jorge Heitor Sousa Gomes da Silva Peixoto

Luísa Manuela Soares Araújo

Maria Manuela Geraldês Xavier

Nuno Rodrigo Santos Costa

Tiago António Leal Duarte

Wilson Matos Táfua

Amílton Fonseca Dos Santos

Ana Luísa De Carvalho Vítorino Gonçalves De Moura

Claudia Sofia Palma Dos Santos

Helder Fernando Teixeira Andarde Santos

José Otilio Borges Correia Monteiro

Lineyd Pires Dos Santos Almeida

Mário Arménio Da Costa Felício

Marcos Rui Mendonça De Barros E Vasconcelos

Mário Octávio Benjamim

Osvaldino Rodrigues Da Graça

Périckles Augusto Barreto Furtado

Ricardo Manuel Silva Ferreirinha

Sara Maria Westenfeld Filipe

Vânia Raquel Da Silva Leão

Propriedade: COFAC — Cooperativa de Formação e Animação Cultural

Edição: Edições Lusófonas

Capa e Paginação: Ana Sofia Bastos, Designer

Ilustração da capa: Ana Sofia Bastos, Designer

Impressão e Acabamento:

Depósito Legal:

ISBN:

Tiragem: 200 exemplares

Contactos: Centro de Estudos Sociourbanismo

Universidade Lusófona, Campo Grande, 376 - 1749-024 Lisboa

Telefone: 217 515 500 (ext. 2350)

Fax: 217 515 545

E-mail: urbanismo@ulusofona.pt

Sites a consultar:

www.licenciatura-urbanismo.net

www.mestrado-urbanismo.net

www.forum-urbanismo.net

www.urbanismo-portugal.net

índice

Prefácio	05	4- Elementos formais	49
Introdução	07	4.1. Linha	50
1- Referências Teóricas	09	4.2. Simetria	56
2- Contexto Urbano e Percursos	29	4.3. Ritmo	60
2.1. São Vicente de Fora - Lisboa	30	4.4. Hierarquia	62
2.2. Pelourinho - Salvador	32	4.5. Limite	66
2.3. Stare Mesto - Bratislava	34	4.6. Horizonte	74
2.4. Plaza Mayor - Trujillo	36	4.7. Recorte	76
3- Percepção de Conjunto	39	4.8. Textura	80
3.1. Percurso São Vicente de Fora - Lisboa	40	4.9. Cor	84
3.2. Percurso Pelourinho - Salvador	42	4.10. Ferro forjado	90
3.3. Percurso Stare Mesto - Bratislava	44	4.11. Eixo	92
3.4. Percurso Plaza Mayor - Trujillo	46	5- Elementos não formais	95
		5.1. Convite	96
		5.2. Percurso Visual	100
		5.3. Ponto de Referência	102
		5.4. Sombra	106
		5.5. Transparência	110
		5.6. Uso	114
		5.7. Marca	118
		5.8. Oposição	120
		Bibliografia	123
		Fontes	130

Prefácio

Vicente del Rio, Ph.D.; *Professor titular do City and Regional Planning Department, California Polytechnic State University, San Luis Obispo, professor visitante do mestrado em urbanismo da Universidade Lusófona, Lisboa. Autor de Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento (São Paulo: Pini, 1990) e Percepção Ambiental (São Paulo: Studio Nobel, 1996).*

Indubitavelmente, as relações que cultivamos com o ambiente que nos cerca são fundamentais não apenas para a nossa sobrevivência física e mental como indivíduos, mas a da nossa cultura e sociedade. Nesse sentido, a nossa inserção no meio urbano constitui importantíssima faceta de nossa existência já que, segundo recente relatório da ONU, metade da população mundial já vive em áreas urbanas – percentual que deverá atingir 60% em 2030 – onde passamos grande parte da vida, entre o lar e o trabalho. As qualidades que percebemos e como nos sentimos na cidade tornam-se, assim, variáveis fundamentais para o nosso bem-estar.

Se todos os nossos cinco sentidos

colaboram nessa percepção ambiental e na formação de sentido do que experienciamos, a visão predomina na grande maioria dos casos e para a maior parte de nós. Já nos ensinava James Gibson (1950) que, na percepção do mundo visual, o que vemos – estímulo físico – e complementado por processos mentais individuais, a partir do qual, significados são inferidos. Assim, as “ambiências urbanas” são construídas em nossa mente através da dinâmica entre o que vem de fora com o que vem de dentro, por assim dizer... E o que “vem de dentro” origina-se na formação e na personalidade de cada indivíduo, onde cultura e senso estético assumem papéis primordiais. Reagimos ao ambiente de acordo com os significados – conscientes ou inconscientes – que identificamos nele (Rapoport, 1982). Dessa maneira, avaliamos o que percebemos, formamos as nossas opiniões, e orientamos as nossas ações, num constante e dinâmico processo interativo com o ambiente que nos cerca. Além disso, a psicologia da gestalt nos ensina que nunca percebemos objetos sozinhos mas sempre em relação uns aos outros, conformando contrastes, combinações, e estruturas significativas. Nunca percebemos nada em um vácuo, mas num contexto ao qual inferimos significados

e julgamentos. Numa cidade, traços e planos, linhas e pontos, cheios e vazios são igualmente importantes, mas sempre adquirem significado em oposição uns aos outros.

Portanto, a *composição* física e espacial do ambiente urbano e a nossa interação com esse ambiente confere significados e qualidades ao desenho da cidade (Cullen 1961; Smith 1974). Essa dinâmica do urbanismo é determinante do nosso prazer e deleite em apreciar uma cidade, ou de preferir uma área ou um percurso mais do que outro. Vem à minha mente a figura do *flâneur*, importante personagem observador-participante da obra de Charles Baudelaire e Walter Benjamin que, perambulando pelas ruas de Paris do século XIX, tentava, simultaneamente, deleitar-se e analisar esses ambientes, os seus significados, e as grandes transformações pelas quais a sociedade estava passando.

Assim como *flâneurs*, neste livro Mario Moutinho, Diogo Mateus e Judith Primo nos conduzem em trajetos urbanos, analisando e descobrindo estéticas compositivas do ambiente urbano, em quatro cidades na Europa e no Brasil. Os autores se utilizam de um arsenal teórico-prático com base nas teorias da percepção para identificar

elementos compositivos de ambiências e qualidades físico-espaciais, nas categorias de elementos formais e não-formais, comparáveis ao que todos nós experienciamos no nosso cotidiano urbano. Através de um método simples e prático, os percursos e seus elementos formadores são analisados, ajudando a explicar a qualidade das composições e a dinâmica do urbanismo, assim como a própria razão de existência do *flâneur*. Estudantes e profissionais de urbanismo, junto com o público leigo em geral, irão encontrar neste livro uma importante contribuição à análise, à compreensão, e ao desenho de cidades mais bonitas, agradáveis, e memoráveis. Assim fazendo, os autores também estão contribuindo ao nosso bem estar enquanto indivíduos, cultura, e sociedade.

Referencias:

Cullen, Gordon. 1961. Townscape. London: The Architectural Press.
Gibson, James. 1950. The Perception of the Visual World. Boston: Houghton Mifflin.
Rapoport, Amos. 1982. The Meaning of the Built Environment. Beverly Hills, CA: Sage.
Smith, Peter. 1974. The Dynamics of Urbanism. London: Hutchinson Educational.

Introdução

"No ritmo de nosso assombro, de nosso entusiasmo ou de nossa desaprovação, construímos de forma imaginária uma cidade dentro da cidade, que temos a oportunidade de ver ou de morar nela. A cidade permite uma aventura da imaginação como essa somente, na medida em que o que dela se exponha demonstre imediatamente ter capacidade de absorver o novo". Jeudy, Henri Pierre, Espelho das cidades, Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2005 p.81

O presente livro tem por objectivo proporcionar aos estudantes de Urbanismo e de Arquitectura um quadro referencial sobre a morfologia do espaço urbano. Aqui se apresentam, de forma organizada, princípios básicos que permitem desenvolver um olhar sobre os diferentes elementos que compõem a paisagem urbana. Esses elementos constituem de certa maneira a matriz dos elementos formais e não formais que se encontram de um modo mais ou menos complexo nas cidades e naturalmente também nas aldeias e nos bairros.

O espaço público, apresenta-se com o resultado de uma composição que se altera na medida em que é observada (sentida) no movimento de cada pessoa, do passar,

do percorrer ou do simples olhar. Trata-se de referências tão simples, como sejam as simetrias, as hierarquias, as texturas, mas sempre presentes como resultantes de séculos de história feita à escala humana. Fruto do acaso ou da premeditação do saber dos artesanatos, da arte de construir ou do saber erudito das regras da composição do espaço, os exemplos aqui apresentados constituem uma gramática fundamental para a qualidade do projecto urbano. Na verdade quando percorremos o País pelas áreas de crescimento das nossas cidades, e cada vez mais nos próprios subúrbios das nossas aldeias e vilas, forçoso é verificar que essa gramática está ausente da criação do espaço público como também está ausente da própria arquitectura, que, não estando ao serviço do espaço público, apenas aparece no autismo do fazer arquitectónico, feito à revelia do lugar que deveria servir. Neste sentido, o presente trabalho poderá também chamar a atenção para a importância das regras do bem-fazer no projecto de urbanismo, tão esquecidas na actividade imobiliária / arquitectónica dos últimos 30 anos.

Premeditadamente, cada tema tratado encontra-se descrito pelo significado de cada um dos 19 termos utilizados nas suas

múltiplas acepções, tal como descritos, de forma resumida, no Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo (2001), nos quais se deve buscar não só o seu significado etimológico, mas também os possíveis sentidos que cada um lhe pretende atribuir entre o rigor da fórmula matemática e o sentido poético que aí se possa vislumbrar.

No âmbito dos trabalhos curriculares de terreno de Projecto Urbano, nos cursos de licenciatura em Urbanismo e de Mestrado também em Urbanismo, leccionados na Universidade Lusófona, foram seleccionadas recortes nas cidades de Lisboa, Salvador, Bratislava e Trujillo nos quais se percebe sob a forma de «dialectos» uma linguagem comum. Fácil é reconhecer as referências patrimoniais e históricas destas cidades, onde os laços que as ligam com raízes que se perdem nos tempos mais remotos estão mais apertados do que à primeira vista poderia parecer, quer se trate do mundo eslavo quer do mundo latino.

Assim, apresenta-se primeiramente a localização e o enquadramento dos espaços seleccionados. Depois, um conjunto de imagens mostra o percurso principal, no qual foram identificados os diferentes

elementos, que se dividem entre formais e não formais, na medida em que estão mais ou menos sujeitos à subjectividade de cada observador.

No caso dos elementos formais dedica-se atenção às figuras, as linhas de simetria, ritmo, limite, recorte, às texturas, cores, definição de eixos e hierarquia de elementos. Quanto aos elementos não formais sugere-se uma possível interpretação relativamente à ideia de convite, sombra, transparência, horizonte, marca, uso e oposição.

Este trabalho pode servir de apoio para motivar as múltiplas leituras dos espaços urbanos, como também poderá servir de referência na concepção do projecto de Desenho Urbano, onde os elementos tratados, formais e não formais, deverão estar sempre presentes, conduzindo o acto criador da forma e do espaço Urbano.



Referências Teóricas

Três formas de pensar a morfologia urbana

A morfologia urbana tem sido objecto de diferentes abordagens desenvolvidas por autores provenientes também de diferentes perfis disciplinares. Nuns casos são os aspectos da percepção visual, noutros as possíveis leituras mais técnicas, noutros ainda é a história condiciona os olhares.

Apenas como incentivo para novas leituras fazemos referencia a três autores que marcaram e marcam ainda os estudos sobre a morfologia urbana. Trata-se de Camillo Sitte, Kevin Lynch e Gordon Cullen.

Camillo Sitte (1843-1903) nasceu em Viena de Áustria sendo a sua obra mais conhecida publicada em 1889, *Der Städtebau nach seinen Künstlerischen Grundsätzen*, Graeser, Viena e traduzida para português sob o título. *A construção das cidades segundo seus princípios artísticos*. São Paulo: Ática, (1992).

Kevin Lynch (1918-1984) nasceu em Cambridge-Ma, USA sendo a sua obra mais conhecida publicada em 1960, *The Image of the City*, The Massachusetts Institute of Technology Press, Cambridge (Mass.) e traduzida para português sob o título. *A imagem da cidade*. Lisboa, Edições 70, 1990

Gordon Cullen (1914-1994) nasceu em Bradford-Yorkshire UK sendo a sua obra mais conhecida publicada em 1961 *Townscape*, Architectural Press, Londres e traduzida para português sob o título. *Paisagem urbana*; trad. Isabel Correia, Carlos Macedo. Ed. 70, Lisboa, 1996.

Estes autores assentam a sua obra na capacidade individual de percepção visual da cidade, considerando não apenas o ponto de vista do habitante, de certa forma tratado por autores como Maurice Halbwachs já em 1925, ou mais recentemente, Pierre Jeudy, os quais fazem apelo à memória da vivência urbana de cada um, como cidadão que percorre a cidade nos seus trajectos de verdadeira descoberta. *No ritmo de suas metamorfoses, a cidade é sempre o território da contingência absoluta. Não somente nela tudo é possível, mas, mais ainda, o possível está fundamentalmente ligado à emergência constante do casual. O que a cidade oferece a qualquer percepção é o próprio fato dessa relação indestrinçável, implícita, entre o tempo e a contingência. Na infinidade cotidiana de nossas apreensões e de nossas percepções, durante o mais corriqueiro dos deslocamentos ou do andar sem rumo pela cidade, o que pode simultaneamente ser ou não ser continua sendo o possível*

da visualização. Não se trata mais da abordagem "sensível" da cidade, encenada por uma certa fenomenologia da vida urbana, mas de uma confrontação, feliz ou infeliz, com a irrupção da contingência¹.

Se pretendêssemos transpor para os tempos presentes estas abordagens poderíamos dizer que não só se trata do reconhecimento daquilo que dá substância à qualidade Urbanística do ponto de vista formal ou seja o traçado urbano propriamente dito (urban design) trajecto, a descoberta, o horizonte, a praça o cruzamento, o ritmo.

Para eles trata-se de encontrar a relação entre a percepção, o reconhecimento, no sentido de orientação espacial e a escala humana que na verdade é o elemento fundamental e medida padrão em todas as situações.

Esta imagem do espaço urbano é na verdade fundamental na definição da relação que cada ser humano tem com o meio que o rodeia. Entre o caos urbanístico e a vivência em espaços projectados e geridos com qualidade vai uma enorme distância. Tão grande quanto o lugar que isso ocupa na própria qualidade de vida. E devemos entender qualidade de vida não só a do momento mas também a do lugar que ela ocupa ou ocupou no próprio

crescimento de cada cidadão, na formação da sua personalidade, e no leque de possibilidades que a cada momento permite a cada um de nós escolher o seu rumo.

O espaço urbano é por excelência o espaço do exercício do direito de cidadania.

É um espaço que se vive cada dia, pelo que, em cada dia criamos desse espaço uma imagem, que se vem gravar na nossa memória em acordo ou desarmonia com as imagens passadas e guardadas no fundo de cada um.

Quando dizemos que conhecemos uma cidade, não estamos a fazer mais, do que assumir que guardamos na memória as múltiplas imagens que observamos cada vez que saímos à rua, ou que espreitamos pela janela ou que vemos pela janela do autocarro.

Por isso a legibilidade da cidade é fundamental e a sua ausência é provocadora de mal-estar não só individual mas também colectivo. Tal como para um arquitecto que não soubesse «passar para o papel» um projecto de edifício e não dominasse as regras da composição tangível e intangível da arquitectura, assim estaria um Urbanista que não soubesse dar forma aos seus projectos. Os «urbanistas» que não sabem desenhar, são cada vez mais uma espécie em vias de extinção.

Esta verificação em nada reduz

a importância da contribuição de sociólogos, geógrafos, engenheiros civis e pessoas de outros domínios do saber, que na sua área e quando formados e especializados em questões da urbanística, trazem um contributo fundamental para a prática do urbanismo.

Julgamos até que, em Portugal, do ponto de vista teórico e prático, o planeamento-regional e local, bem como a sociologia ou geografia urbana têm profissionais de grande envergadura a quem se deve um trabalho particularmente positivo, pelo que seria um erro pretender que o desenvolvimento do urbanismo no nosso país deveria ocupar essa ou outras áreas do saber em grande medida consolidadas. Mas também consideramos que a formação em Arquitectura ou em Design se refere a escalas maiores e menores que a que é própria do Urbanismo.

É essa capacidade de dar forma ao espaço urbano que distingue o Urbanista das outras profissões complementares. Portugal está sobretudo carente a nível do *Urban Design*. Utilizamos a expressão na língua onde teve origem pois *Design* não pode ser traduzido por desenho. *Design* em inglês é algo mais amplo que desenho, ou que projecto. *Design* implica a ideia de intenção, processo, ao qual se junta também a ideia de análise, avaliação

e tomada de decisão. O dicionário de Oxford traz toda uma série de definições para «*Design*», entre as quais a de «adaptação dos meios aos fins» (*The Concise Oxford Dictionary*, 6ª Edição, 1976). Neste sentido seria errado traduzir *Design* ou *Design* Industrial tal como hoje se entende no que se refere à concepção de objectos, simplesmente por desenho. Também se faz sentir no Brasil esta dificuldade com o termo *Design*.

"Não podemos entretanto concordar com o tratamento que alguns vêm dando ao Desenho Urbano no Brasil. Existe uma certa confusão de definições aplicáveis: ele é uma nova moda. Como afirmamos em ocasião anterior utiliza-se desta expressão inconsequentemente apenas porque vêm nela uma nova roupagem para suas antigas práticas de «arquitectura grande» ou de planeamento urbano «arrependido».

Há poucos anos passávamos por processo semelhante, quando da adopção da palavra «planejamento». ; sua institucionalização como uma nova disciplina cedeu a um aporte anglo-saxão, um modismo sem maiores considerações de seus reais significados potenciais, ou sua inserção em nosso contexto em que já se utilizava do termo «urbanismo”².

Em São Francisco, (cf. *Vicente del Rio p.60*) desde o início dos anos 70 que a Câmara Municipal, de forma pioneira, baseando-se em estudos aprofundados sobre a percepção da cidade pelos seus habitantes, adoptou um conjunto de normas, onde os princípios orientadores do desenho urbano foram os seguintes:

Clareza e conveniência
Harmonia e capacidade
Escalas e tipologias / interesse visual
Carácter / individualidade / definição do espaço
Actividades
Amenidades / conforto
Variedade / contraste

Diz ainda Vicente Del Rio: Nada mais ilustrativo do tema que o comentário de Jonathan BARNETT responsável do departamento de Desenho Urbano da cidade de Nova Iorque *«muito da história recente do Desenho Urbano teve a ver com o problema de desenhar cidades sem desenhar edifícios»*. Segundo este autor, o nosso desafio está em *“identificar as regras para as opções significativas que dão forma à cidade dentro de um quadro institucional que possa ser modificado na medida em que os tempos, e as necessidades, mudam”*³.

O espaço urbano é multifacetado, e nós, devemos ter em consideração que existe espaço urbano de carácter citadino e espaço urbano de carácter rural. A separação de urbano e rural em termos de planeamento do território é fruto da acção de gerações e gerações de pessoas que marcaram de maneiras diferentes o território onde viviam. Criaram por isso modos de ocupação diferentes. Urbanizaram o espaço.

Em ambos os casos, o que hoje podemos observar é o facto de expressarem modos de ocupação do território que resultam da própria natureza da sociedade e do meio que lhe dá vida, no quadro da sua própria transformação. Na verdade existe uma relação dialéctica entre território e sociedade, que enquadra toda e qualquer entendimento do que é o Urbanismo. Claro está que as cidades passam por processos históricos, sociológicos e económicos, que ao longo dos anos e dos séculos acabam por deixar marcas que se traduzem particularmente na sua configuração espacial e que, são por isso também, imagem da sua própria memória. No espaço urbano rural, esta situação também é uma realidade facilmente verificável, só que a configuração espacial é diferente. Em qualquer região do planeta, entre um aglomerado disperso e uma grande

metrópole, claro que há diferenças formais, do modo de vida, das condições de acessibilidades, para citar apenas algumas, mas sobretudo há igualdades, pois ambas são enquadradas pelas condições sociais e económicas específicas dessa própria região, a qual por sua vez se articula com áreas mais vastas e sem dúvida também com o processo de transformação do nosso planeta.

Por isso, quer seja rural ou citadino, o espaço urbano tem em comum a possibilidade de ser analisado de uma maneira integrada, e de ser planeado e gerido de modo a garantir o seu desenvolvimento sustentável. Assim, os espaços urbanos citadinos ou rurais são objecto de estudo, planeamento e gestão no âmbito do urbanismo. É neste quadro que se apresenta de seguida alguns extractos das obras de referência dos três autores referidos os quais de certa forma são fundamentais pelas suas contribuições para o estudo da morfologia urbana.

Naturalmente que poderíamos referir muitos outros autores, que particularmente ao longo do século XX trataram esta questão. Christopher Alexander, Carlo Aymonino, Edmund Bacon, Frederico de Hollanda, Rob Krier, Christian Norberg-Shulz, Aldo Rossi são certamente referências que importa estudar

de forma atenta, pois as suas abordagens, para lá da diferença de perspectivas que frequentemente apresentam, são recursos essenciais para o estudo do desenho/traçado urbano e consequentemente da Morfologia Urbana.

Neste sentido a bibliografia que acompanha este nosso estudo poderá servir de orientação para todos aqueles que desejam desenvolver seus estudos neste complexo domínio.

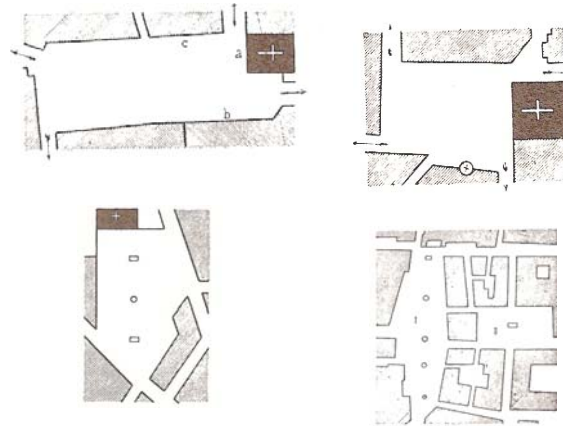
A imagem da cidade segundo Camillo Sitte

Camillo Sitte escreveu a sua mais conhecida obra com o objectivo de compreender e identificar as regras que estão presentes na forma das cidades, sobretudo nas cidades mais antigas, que expressam não só sociologias diferentes, acumuladas ao longo da história, mas também a sedimentação de intervenções sucessivas que definiram a sua morfologia actual. Esta obra escrita em 1889 pode e deve ter uma leitura contemporânea, na medida em que essas regras, não só são as mesmas, mas também a crítica que faz ao urbanismo na época, ou melhor,

à ausência de sentido propriamente urbanístico, se aplica quase integralmente a situação do urbanismo em Portugal, depois de nos últimos 30 anos, o pensamento urbanístico consistente ter estado ausente das transformações e expressões que decorreram um pouco por todo o País.

*"Pareceu-nos oportuno tentar estudar um certo número de belas praças e ordenamento urbano do tempo passado, com o objectivo de extrair as causas do seu efeito estético. Porque, com essas causas uma vez conhecidas com precisão, seria possível estabelecer um conjunto de regras cuja aplicação deveria permitir obter efeitos análogos e igualmente felizes. Nesta perspectiva, as páginas que seguem não propõem nem uma história da construção das cidades, nem um panfleto. Elas oferecem ao profissional um conjunto de documentos acompanhados de deduções teóricas"*⁴.p. XXIII.

Esta obra de Camillo Sitte tem sido muitas vezes mal interpretada, no caso de leituras apressadas, pois o seu subtítulo "O urbanismo segundo os seus fundamentos artísticos" pressupõe uma temática do foro das questões propriamente artísticas, quando na verdade em nosso entender se trata dos fundamentos da análise morfológica como o próprio explica logo na introdução:



As praças de Camillo Sitte
SITTE, Camillo (1889), **Der Städtebau nach seinen Künstlerischen Grundsätzen**, Graeser, Viena

*"O ponto de vista que prevalecerá aqui não será portanto nem o do historiador nem do crítico. Nós queremos analisar uma série de cidades antigas e modernas do ponto de vista da técnica artística, de forma a por em evidência os princípios da composição que criavam no passado a harmonia e os efeitos mais felizes, e que hoje apenas produzem incoerência e monotonia. O nosso objectivo sendo, se possível, encontrar uma forma de escapar ao sistema moderno dos caixotes de habitação, de salvar, se ainda for tempo, as nossas cidades da destruição que as atinge cada vez mais, e enfim de permitir a criação de obras comparáveis aquelas dos antigos mestres"*⁵.

É neste sentido que em metade da obra, Camillo Sitte estuda detalhadamente, as relações entre os edifícios e os monumentos com as praças, a libertação de ocupação das praças, a sua definição enquanto que espaço fechado e consequentemente limitado. Igualmente estuda a forma, a dimensão das praças, sua irregularidade e a articulação entre praças. Na segunda parte da obra desenvolve a crítica do sistema em vigor e à banalidade do ordenamento urbano da época.

"O nosso estudo deveria ter suficientemente mostrado que não é necessário conhecer os planos das cidades

*modernas segundo a rotina corrente, nem de renunciar a todas as belezas da arte e às conquistas do passado. Não é verdade que a circulação moderna a isso nos obriga; não é verdade que nós sejamos obrigados a isso devido às exigências da higiene. É simplesmente a ausência de imaginação, a procura do facilismo e a falta de vontade que condenaram o habitante das cidades modernas a viver nos bairros, sobrepovoados e sem forma, e a suportar durante toda a vida o espectáculo dos edifícios da especulação e dos alinhamentos das fachadas eternamente repetidos. É verdade, a doce força do hábito, amolece a nossa sensibilidade e deixam-nas menos sensíveis a estas impressões. Mas tentemos reconstituir, comparar, aquilo que sentimos quando se volta de Florença ou de Veneza, com a violência com a qual a monótona modernidade de agora nos agride. Talvez seja uma das razões profundas pelas quais o habitante feliz dessas esplêndidas cidades não sente a necessidade de as abandonar, ao passo que todos os anos nós fugimos para o campo por algumas semanas pelo menos, a fim de poder suportar a cidade durante os próximos dozes meses"*⁶.

A título de exemplo podemos referir a reflexão de Sitte sobre a natureza mesmo do que é uma praça, a qual exige

o reconhecimento do princípio que uma praça só é praça se possibilitar a ideia de espaço limitado. A Piazza del Duomo em Ravena ou a Piazza Signoria em Florença pelas disposições dos acessos permitem ao observador ter a ideia de continuidade em toda a volta desta praça conseguido pelo desalinhamento dos eixos. Noutros casos, o ângulo da praça é ocupado por um pórtico permitindo a continuidade ao nível dos andares superiores.

“Não se trata certamente de uma acasoa se todas as praças antigas apresentam uma disposição diametralmente oposta ao sistema moderno quanto ao modo de ligação com as suas. (...) na realidade da maior parte dos pontos de uma praça a continuidade de envolvente não aparece quebrada, porque pelo efeito da perspectiva as ruas parecem sobrepor-se, e não deixam aperceber graças a este recobrimento aparente nenhuma brecha desagradável”⁷.

Longe estamos pois da maioria das «praças» ou «pracetas» dos loteamentos que envolveram nossa cidades, onde os espaços sobranceiros apenas têm de praças o nome. No oposto a praça do Rossio em Lisboa ilustra a preocupação de Sitte pois a ideia de espaço limitado é obtida de qualquer ponto da praça.

A imagem da cidade segundo Kelvin Lynch

Reconhecivelmente é na obra de Lynch que encontramos as bases de um entendimento sistematizado da percepção visual da cidade. Para este autor a percepção faz parte de um processo complexo onde a memória é um elemento essencial. Esse processo assenta na ideia que a legibilidade e a orientação são os pilares onde assenta a constituição da imagem da cidade que é na verdade a imagem que cada um pode construir. E a partir da qual se pode definir a identidade, a estrutura e o significado de cada elemento do lugar.

Este autor propõe um conjunto de conceitos a partir dos quais podemos desenvolver uma análise morfológica de cada território urbano tanto nas condições mais simples como mais complexas. Os elos físicos da imagem urbana foram caracterizados em cinco tipos de elementos: vias, limites, bairros, cruzamentos e pontos marcantes.

1. Vias: são os canais ao longo dos quais o observador se move, usual, ocasional ou potencialmente. Podem ser ruas, passeios, linhas de trânsito, canais, caminhos-de-ferro. Para muitos, estes são os elementos predominantes na sua imagem. As pessoas observam a cidade à medida que nela se deslocam e os outros elementos

organizam-se e relacionam-se ao longo destas vias.

2. Limites: os limites são os elementos lineares não usados nem considerados pelos habitantes como vias. (...) Estes elementos limite, embora não tão importantes como as vias, são, para muitos, uma relevante característica organizadora, particularmente quando se trata de manter unidas áreas diversas, como acontece no delinear de uma cidade por uma parede ou por água.

3. Bairros: os bairros são regiões urbanas de tamanho médio ou grande, concebidos como tendo uma extensão bidimensional, regiões essas em que o observador penetra «para dentro de» mentalmente e que reconhece como tendo algo de comum e de identificável (...) A maior parte dos cidadãos estrutura deste modo a sua cidade, cujos elementos importantes são as vias ou os bairros.

4. Cruzamentos: os cruzamentos são pontos, locais estratégicos de uma cidade, através dos quais o observador nela pode entrar e constituem intensivos focos para os quais e dos quais ele se desloca. Podem ser essencialmente junções, locais de interrupção num transporte, um entrecruzar ou convergir de vias, momentos de mudança de uma estrutura para outra (...) O conceito de cruzamento está relacionado com

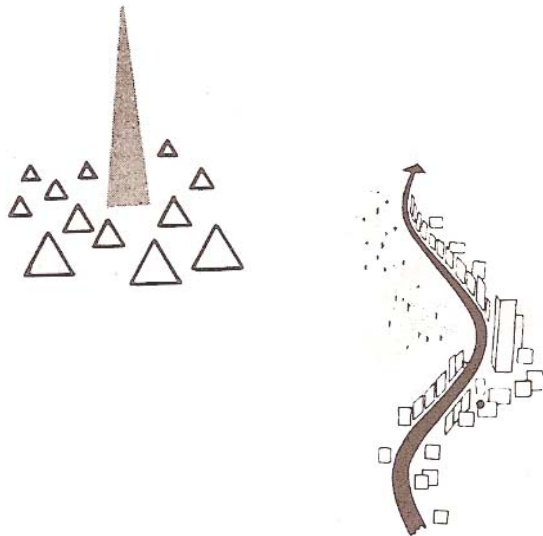
o de via, pois os cruzamentos são típicas convergências de vias, factos do percurso.

5. Pontos marcantes: estes são outro tipo de referência, mas, neste caso, o observador não está dentro deles, pois são externos. São normalmente representados por um objecto físico, definido de um modo simples: edifício, sinal, loja ou montanha. O seu uso implica a sua distinção e evidência, em relação a uma quantidade enorme de outros elementos⁸.

Quanto à forma urbana, o mesmo autor identifica várias qualidades da forma: singularidade, simplicidade, continuidade, predominância, clareza de ligação, diferenciação direccional, alcance visual, consciência do movimento, séries temporais, nomes e significados: Estas indicações para o Design Urbano podem ser resumidas de um outro modo, uma vez que existem temas comuns que se mantêm nos diversos aspectos: as repetidas referências a certas características físicas gerais. Estas são as categorias de interesse directo para o Design, pois descrevem qualidades de que um Urbanista se pode servir e podem ser apresentadas como se segue:

1. Singularidade ou clareza das figuras de fundo: evidência de limites (como o cessar abrupto do desenvolvimento urbano);

fechamento (como um largo fechado); contraste de superfície, forma, intensidade, complexidade, tamanho, hábito, localização espacial (como uma única torre, uma decoração rica, um sinal dominante). O contraste pode aparecer em relação aos arredores, imediatos ou à experiência passada do observador. (...)



Os "esquemas" de Kevin Lynch
LYNCH, Kevin, (1999), A imagem da cidade;
Edições 70, Lisboa

2. Simplicidade de forma: clareza e simplicidade de forma visual em sentido geométrico, limitação de partes (como a clareza de um sistema em rede, de um rectângulo, de uma catedral). Formas deste teor são muito mais facilmente incorporadas na imagem e é evidente que os observadores distorcem formas complexas, tomando-as simples, mesmo quando isso significa um erro de percepção e de prática.(...).

3. Continuidade: continuação de um limite ou de uma superfície (como numa rua, num canal, no horizonte ou no cenário); proximidade de partes (como num grupo de edifícios); repetição de um intervalo rítmico (como num modelo, as esquinas das ruas); semelhança, analogia ou harmonia de superfície, forma ou hábitos (como no material usado nos edifícios, modelos repetidos de janelas salientes, semelhança de actividades comerciais, uso de sinais comuns). Estas são as qualidades que facilitam a percepção de uma realidade física complexa como sendo uma e possuidora de relações internas, as qualidades que sugerem uma identidade própria.

4. Predominância: a predominância de uma parte em relação às outras devido ao tamanho, intensidade ou interesse, resultante da distinção de uma característica principal no todo, associada a um conjunto

(como na área do Harvard Square). Esta qualidade, tal como a continuidade, permite a necessária simplificação da imagem por omissão e inclusão.[...]

5. Clareza de ligação: boa visibilidade das ligações e costuras (como numa intersecção relevante e na costa marítima); relação clara e "interligação" (como a de um edifício com o seu local de construção ou a de uma estação de metropolitano com a rua à superfície). Estas ligações são os pontos estratégicos de uma estrutura e deveriam ser claramente perceptíveis.

6. Diferenciação direccional: assimetrias, mudanças e referências radiais que diferenciam um fim de outros (como uma rua que sobe uma colina, afastando-se do mar e em direcção ao centro); ou que diferenciam um lado do outro (como os edifícios que rodeiam um parque); ou uma direcção da outra (tanto pela luz do dia como pela largueza de uma avenida em direcção norte-sul). Estas qualidades são dificilmente usadas, quando se trata de estruturas em grande escala.

7. Alcance visual: qualidades que aumentam ou organizam uma possibilidade de visão, quer real quer simbólica. Estas incluem as transparências (vidro ou edifícios assentes em pilares); sobreposições (quando uma estrutura aparece atrás de outra); vistas

e panoramas que aumentam a profundidade da visão (ruas axiais, vastos espaços abertos, vistas de pontos altos); elementos articulantes (focos, ponteiros indicadores de medidas, objectos penetrantes) que explicam visualmente um espaço; concavidade (uma colina ao fundo ou a curva de uma rua) que expõe outros objectos à nossa vista; [...] Todas estas qualidades relacionadas facilitam a compreensão de um todo complexo, aumentando a eficiência da visão: a sua organização, penetração e poder de resolução.

8. Consciência do movimento: qualidades que tornam o observador sensível ao seu próprio movimento real ou potencial. Através dos sentidos visuais e cinestésicos. É o caso dos indicativos que melhoram a clareza de desníveis, curvas e interpenetrações; dão à experiência motora perspectiva e localização; mantêm a coerência na direcção ou na mudança de direcção; [...]

9. Séries temporais: séries das quais o observador se apercebe para além da questão temporal, incluindo ligações simples de elemento por elemento, onde um elemento está associado ao que o precede e ao que se lhe segue (como numa sequência casual de elementos marcantes), e também séries que estão estruturadas no tempo e, assim, se tornam melódicas na natureza

(como se os elementos marcantes fossem aumentando em intensidade de forma, até que um ponto máximo seja atingido). [...]

10. Nomes e significados: características não físicas que podem reforçar a imagem de um elemento. Os nomes são, por exemplo, importantes na cristalização da identidade. Ocasionalmente indicam também pistas de localização [Estação Norte] [...] Significados e associações, históricos, sociais ou funcionais, económicos ou individuais, constituem um verdadeiro domínio para além das qualidades físicas de que nos ocupamos. Reforçam grandemente as sugestões em direcção à identidade ou estrutura, como pode ser claro na própria forma física⁹.

A imagem da cidade segundo Gordon Cullen

Cullen reconhece o princípio que distingue um edifício de em conjunto de edifícios, não como resultante de um factor puramente quantitativo mas sobretudo com o um facto qualitativo produtor de uma nova situação morfológica e social. A existência de conjuntos maiores ou menores cria na verdade novos espaços urbanos que resultam da relação que se estabelece entre os edifícios, produzindo ruas, praças e baldios, cujo entendimento formal e social é algo de complexo.

Neste sentido cada conjunto dependendo da sua dimensão, do contexto social que produz e em que está envolvido, leva a situações diversificadas de apropriação do espaço e da sua percepção. Cullen reconhece também as questões da percepção visual como base para qualquer observação e invoca a memória do observador para sustentar que *"a visão tem o poder de invocar as nossas reminiscências e experiências, com todo o seu corolário de emoções"*. Neste sentido propõe três campos de reflexão que têm a ver com a descoberta, com a localização e com a especificidade de cada lugar. Assim a descoberta assenta na ideia de percurso através do qual é referenciada uma sucessão de imagens, as quais são sempre sustentação para apelo à memória. É o que este autor chama de visão serial. Essa visão serial conduz por sua vez a outro elemento essencial da percepção do lugar que é a possibilidade do observador se orientar, ou seja a possibilidade de se localizar física e psicologicamente.

Desta localização depende de facto a possibilidade de apropriação do espaço, num primeiro tempo desconhecido mas de seguida já identificado, vivido, relacionado com a memória da cada um e neste sentido personificado. Para Cullen a percepção da visão não é uma simples

fotografia, mas um processo de relacionamento do observador, habitante ou não, com cada lugar.

Esta localização é também o desdobramento entre o “aqui e o além” entendido na sua mutua relação.

O terceiro elemento de paisagem urbana tem a ver com as qualidades próprias de cada lugar, não só formais mas também as resultantes da sua própria história e da sedimentação das sucessivas intervenções, que Cullen resume na fórmula “isto e aquilo”, ou seja a diferença e a identidade. *Descobriram-se três entradas: a do movimento, a da localização e a do conteúdo. A visão permitiu constatar que o movimento não é apenas progressão facilmente mensurável e útil para a planificação, mas se divide em duas componentes distintas: o ponto de vista e a imagem emergente. O homem tem em todos os momentos a percepção da sua posição relativa, sente a necessidade de se identificar com o local em que se encontra, e esse sentido de identificação, por outro lado, está ligado à percepção de todo o espaço circundante. O convencionalismo é uma fonte de tédio enquanto que a aceitação da disparidade se revela uma fonte de animação. Finalmente, no meio da aridez estatística*

da cidade-esquema, descobriram-se as duas facetas de uma mesma realidade, quer para o movimento (pontos de vista - imagem emergente) quer para o local (Aqui - Além) quer para o conteúdo (Isto - Aquilo). Há apenas que reagrupar tudo isto num padrão novo, nascido do ardor e vitalidade da imaginação humana¹⁰.

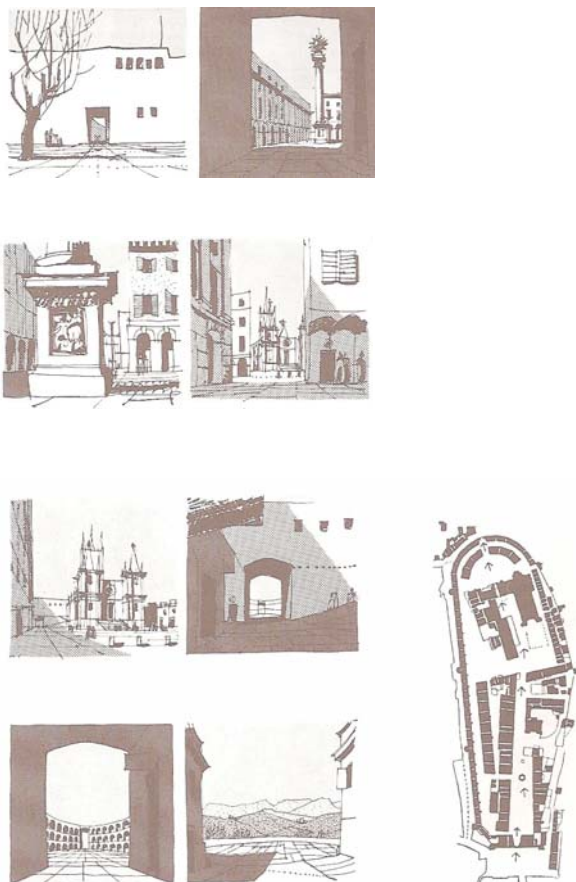
Assim para este autor há três aspectos principais a considerar:

1. ÓPTICA. *Imagine-se o percurso de um transeunte a atravessar uma cidade. Uma rua em linha recta desembocando num pátio e saindo deste outra rua que a seguir a uma curva, desemboca num monumento. Até aqui, i.é - no que respeita à descrição nada de invulgar. Mas siga-se o percurso: o primeiro ponto de vista é a rua; a seguir, ao entrar no pátio, surge novo ponto de vista, que se mantém durante a travessia na segunda rua, porém, depara-se uma imagem completamente diferente; e, finalmente, a seguir à curva, surge bruscamente o monumento. Por outras palavras, embora o transeunte possa atravessar a cidade a passo uniforme, a paisagem urbana surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas. É o que se entende por VISÃO SERIAL.*

2. LOCAL [...] Uma vez que o nosso corpo tem o hábito de se relacionar instintiva e continuamente com o meio-ambiente, o sentido de localização não pode ser ignorado e entra, forçosamente em linha de conta na planificação do ambiente [...] Se, de um modo geral, na cidade não surgem contrastes tão marcados, o princípio mantém-se. Há uma reacção emocional típica quando nos encontramos muito abaixo do nível médio do terreno ou muito acima dele. Há uma outra perante o encerramento num túnel, por exemplo - e outra ainda perante a abertura da praça pública. Tudo isto nos faz supor que, se os nossos centros urbanos forem desenhados segundo a óptica da pessoa que se desloca (quer a pé, quer de automóvel) a cidade passará a ser uma experiência eminentemente plástica, percurso através de zonas de compressão e de vazio, contraste entre espaços amplos e espaços delimitados, alternância de situações de tensão e momentos de tranquilidade. Essa sensação de identificação ou sintonia com o meio-ambiente, esse sentido de localização perante a posição que se ocupa numa rua ou num largo que faz pensar: «Estou Aqui» ou «vou entrar para Ali», ou ainda «vou sair Daqui», mostra claramente que ao postular-se a existência de um Aqui se pressupõe automaticamente a de um

Além, pois não se pode conceber um sem o outro. Alguns dos mais belos efeitos urbanísticos residem, justamente na forma como é estabelecida a inter relação de ambos.

3. CONTEÚDO. Relaciona-se este último aspecto com a própria constituição da cidade: a sua cor, textura, escala, o seu estilo, a sua natureza, a sua personalidade e tudo o que a individualiza. Se se considerar que a maior parte das cidades é de fundação antiga, apresentando na sua morfologia provas dos diferentes períodos de construção patentes nos diferentes estilos arquitectónicos e nas irregularidades do traçado, é natural que evidenciem uma amálgama de materiais, de estilos e de escalas. Contudo tem-se a sensação de que, se fosse possível reconstruí-la por inteiro se faria desaparecer toda a confusão e surgiriam cidades novas mais belas e mais perfeitas. Criar-se-ia um quadro ordenado, arruamentos de traçados direitos e edifícios de alturas e estilos concordantes. Se houvesse inteira liberdade de acção provavelmente criar-se-ia simetria, equilíbrio, perfeição, concordância, convencionalismo. Não é essa a concepção popular da finalidade do planeamento urbano? [...]¹¹



Percurso tipo de Gordon Cullen
CULLEN, Gordon (1996), **Paisagem urbana**;
Ed. 70, Lisboa

Todos estes elementos são essenciais quando o urbanista assume plenamente a sua função de projectar novos espaços urbanos, de os reorganizar ou de tomar as medidas necessárias para sustentar a sua degradação e posterior reabilitação.

O plano visual não pode sobrepor-se a factores de ordem sociológica, no sentido amplo da palavra, mas pode e deve ordenar as suas opções, no encadeado de soluções que visam criar uma cidade, um bairro, uma urbanização em lugares em que cada cidadão se possa reconhecer como ser humano na sua totalidade pessoal, histórica e social.

Ora a Memória como diz Maurice Halbwacsh precisa de pontos de amarração, reais e imaginados de forma a podermos descodificar a Cidade. Estes pontos de amarração são os pontos de referência e os esquema que nos conduzem na descoberta e leitura da Cidade.

"Moro num lugar determinado de uma cidade. Cada dia os meus passeios conduzem-me a um bairro diferente, mais ou menos afastado: percorro assim todas as partes da cidade, e posso agora dirigir-me onde desejo. Porquê então não me posso representar

de uma maneira continua o aspecto das ruas, das casas, e todas as particularidades das lojas, as fachadas, etc., para lá de um determinado limite, alias incerto?

Porquê, enquanto que até então, eu podia guiar-me segundo essas imagens sucessivas, é necessário que para lá desse limite temporal eu me oriente com base em pontos de referência descontínuos, que, por uma razão ou outra, sobressaem sobre a massa indistinta das outras imagens apreendidas?

É que eu percorri muitas vezes, e em todos os sentidos, os arredores da minha casa; é que por uma série de reflexões, juntei essa imagens familiares umas com as outras de muitas maneiras, de tal modo que posso reconstitui-las mentalmente de muitas formas também e a partir de muitas outras. (...) Os acontecimentos mais próximos tiveram sem dúvida menos ocasiões de ser reproduzidos, o meu pensamento referiu-se a eles menos vezes que relativamente a acontecimentos mais antigos. Por isso da mesma maneira que as imagens das casas próximas da minha, me são mais familiares eu revejo-as em pensamento quando quero, com todo o detalhe posso reproduzir a série ininterrupta das casas, fachadas e lojas da minha rua.

Pelo contrário, para encontrar

os acontecimentos mais antigos nos quais eu tive muito mais ocasiões de pensar, **é necessário que eu me refira a pontos de referência** no tempo que sobressaem da massa desaparecida dos outros acontecimentos.

Dir-se-á que confundimos aqui a vivacidade das imagens com a sua familiaridade. Quando reproduzo mentalmente a imagem da rua onde passo mais vezes, **substituo os objectos por um esquema** onde todas as particularidades que me interessam estão incluídas, mas que não é de todo o equivalente para mim à primeira vez que os apercebi¹².

Por outro lado e seguindo ainda o raciocínio de Halbwachs olhar a cidade deve ser tanto um acto individual como social pois resulta da Memória, não só daquela que é fruto das circunstancias da vida de cada pessoa mas do processo de lembrar que é um dos aspectos da memória social. Neste caso a memória retém aquilo em que reflectimos articuladamente com as referências possíveis que nos vem do meio social. Não se pode lembrar acontecimentos do passado sem reflectir sobre esses mesmos acontecimentos Ora raciocinar, " é relacionar num sistema de ideias as nossas opiniões, com aquelas do nosso meio social (...) Assim

os quadros da memória colectiva reúnem e ligam uns aos outros as nossas lembranças mesmo as mais pessoais"¹³.

Ao procurarmos compreender a percepção que fazemos da morfologia urbana teremos certamente que considerar como propõe Pierre Francastel, numa epistemologia de criação imaginária, assumindo a ideia de que a aparência de qualquer elemento da cidade depende do seu lugar e da sua função num padrão total. *"Longe de ser um registro mecânico de elementos sensoriais, a visão prova ser uma apreensão verdadeiramente criadora da realidade - imaginativa, inventiva, perspicaz e bela....Toda a percepção é também pensamento, todo o raciocínio é também intuição, toda a observação é também invenção. A forma de um objecto que vemos, contudo, não depende apenas de sua projecção retiniana numa dado momento. Estritamente falando, a imagem é determinada pela totalidade das experiências visuais que tivemos com aquele objecto ou com aquele tipo de objecto durante toda a nossa vida"*¹⁴.

Descobrir a cidade, entender a sua morfologia, compreender a natureza do seu traçado não é assim um processo simples e imediato como poderia parecer num a primeira instância. Antes pelo contrário

essa compreensão não só se submete ao complicado processo da percepção visual como também resulta da articulação entre os diferentes aspectos da memória não só individual, mas sobretudo desta na sua relação com o mundo em que vivemos com a percepção que ao longo da vida, cada um adquiriu, guardou e referenciou na sua própria Memória.

É esta Memória que estando de certa forma estudada do ponto de vista da percepção, não faz de um modo geral parte das preocupações no acto da proposição de novos traçados e espaços urbanos.

Projectar formalmente um espaço urbano deveria ser antes de mais balizar o terreno com referências, nas quais cada um pudesse assentar a sua percepção e descodificar o sentido não só das suas partes, mas também dos múltiplos e infinitas possibilidades de as agrupar. Ora são algumas dessas referências que o presente estudo pretende ilustrar tal como uma espécie de prontuário onde se encontrassem reunidos os elementos mais elementares do traçado urbano e da morfologia urbana.

Nestes três autores, Lynch, Cullen e Sitte, encontramos uma reflexão sustentada em exemplos que nos permitem entender que

a imagem da cidade, a paisagem urbana ou os princípios “artísticos” do Urbanismo, têm por base a percepção visual, condição de descoberta do “lugar”. Esta percepção pressupõe a ideia de percurso/descoberta e é fruto da relação que se estabelece entre o olhar, a memória de situações anteriores e uma outra memória, a da referenciação espacial, que nos permite o sentir da localização e que de certa forma significa a possibilidade de apropriação do lugar. Poder-se ia dizer que a percepção da cidade e a sua apropriação são um único processo. No centro desta reflexão encontra-se um a outra constatação que se refere ao lugar que memória ocupa neste processo. Memória do lugar, do contexto, da localização da percepção mas sobretudo memória que assente nas lembranças suscitadas pelas referências cujo carácter social é essencial reconhecer. Como diria Maurice Halbwachs trata-se pois de um processo que assenta nos quadros sociais da Memória que estruturam de múltiplas formas a vida de cada um.

O que este nosso livro pretende é certamente lembrar a importância dos três autores referidos, mas sobretudo demonstrar, que cada parte da cidade pode encerrar em si todos os elementos que constituem a imagem **da cidade, a paisagem urbana**

ou os princípios artísticos do Urbanismo.

Basta para tal olhar com atenção que a cidade se revelará por referência à nossa **memória**, que como um **enigma**, só espera pela sua descoberta havendo para ele tantas soluções quanto o **olhar** de cada um¹⁵.

Mário Moutinho, Junho 2007

-
1. Jeudy, Henri Pierre, **Espeelho das cidades**, Casa da Palavra, Rio de Janeiro, 2005 p.108
2. DEL RIO, Vicente.
(1990), **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento**, Pini, São Paulo p.60
3. Opus cit. p. 58
4. SITTE, Camillo
(1889), **Der Städtebau nach seinen Künstlerischen Grundsätzen**, Graeser, Viena (traduzido a partir de *L'art de bâtir les villes, l'urbanisme selon ses fondements artistiques*, Édition du Seuil, Paris. p. XXIII.
5. Opus cit p. 2
6. Opus cit p. 152
7. Opus cit. p. 38
8. LYNCH, Kevin
(1999), **A imagem da cidade**; trad. Maria Cristina Tavares Afonso Edições 70, Lisboa, pp. 58, 59
9. Opus cit. pp.118-121
10. CULLEN, Gordon (1996), **Paisagem urbana**; trad. Isabel Correia, Carlos Macedo. Ed. 70, Lisboa, p. 14
11. Opus cit. pp. 9-13
12. Maurice HALBWACHS (1925), **Les cadres sociaux de la mémoire**, [http://pages.infinet.net/sociojmt, pp.98-100](http://pages.infinet.net/sociojmt,pp.98-100)
13. Opus cit. p. 108
14. Rudolf Arnheim, **Arte e Percepção Visual**, Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1994, p.40.
15. Texto parcialmente adaptado e desenvolvido a partir de A.A.V.V. **Urbanismo, Guia para o Ensino Secundário 10º, 11º e 12º anos**, Edições Universitárias Lusófonas, Lisboa, 2003

2

Contexto Urbano e Percursos

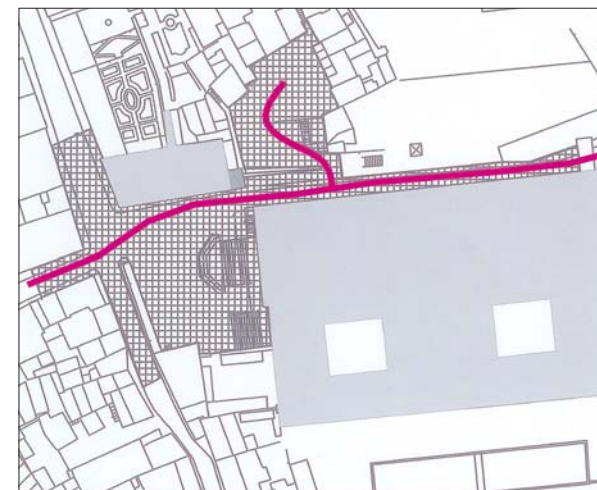
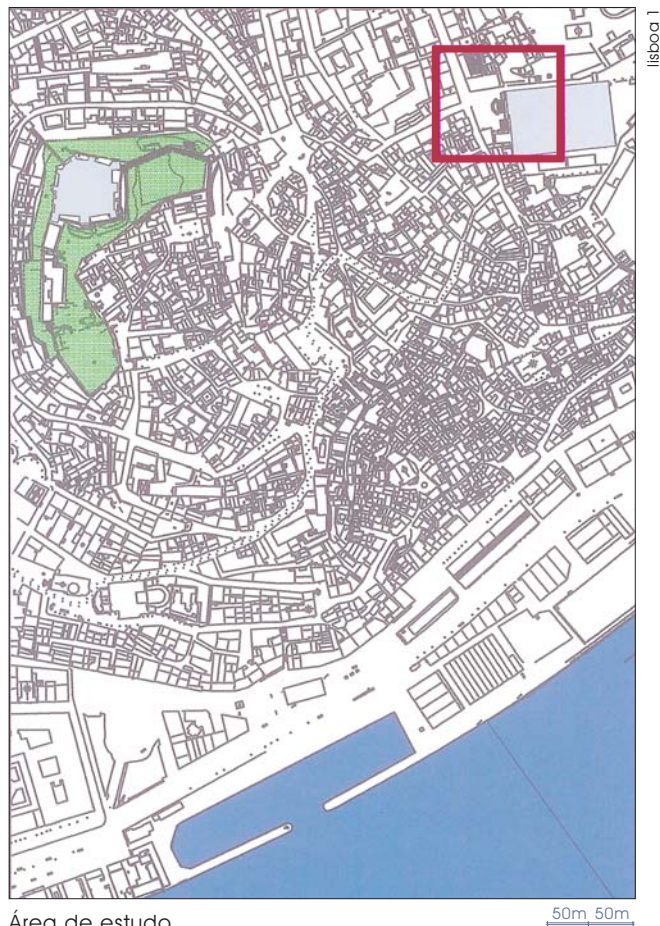
2.1. São Vicente de Fora - Lisboa

2.2. Pelourinho - Salvador

2.3. Stare Mesto - Bratislava

2.4. Plaza Mayor - Trujillo

São Vicente de Fora - Lisboa



Percurso São Vicente de Fora - Lisboa

A cidade de Lisboa distribui-se por várias colinas e baixas situando-se junto ao rio Tejo. Sede do poder político, administrativo e económico, a área tratada tem carácter residencial, mas é marcada por importantes construções de carácter religioso.

O percurso seleccionado encontra-se numa das áreas de ocupação mais antigas junto do Convento de São Vicente de Fora, o qual foi fundado por D. Afonso Henriques em 1147, na sequência da conquista de Lisboa aos Mouros. A área analisada tem por base dois largos articulados entre si e situados em níveis diferentes. O espaço é marcado pela Igreja de São Vicente de Fora, construída entre 1582 e 1629.

O percurso tem início na esquina da Rua da Voz do Operário com a Rua Arco Grande de Cima, tendo do lado sul o Largo de São Vicente e do lado norte o Jardim João Lopes, ao qual se acede por uma rampa de forte inclinação. O extremo da Rua Arco Grande de Cima é definido por uma passagem com um arco a partir do qual se tem acesso ao Campo de Santa Clara enquanto que para poente a Rua de São Vicente conduz a vista até ao ponto de referência da Igreja de Santa Cruz do Castelo.



lisboa 2

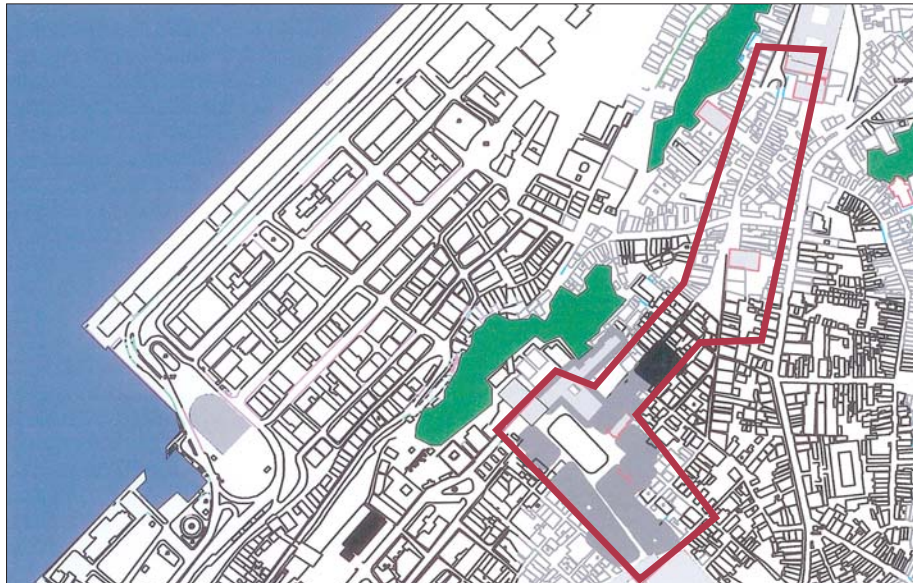
Lisboa 1813



lisboa 3

Lisboa 1575

Pelourinho - Salvador



Área de estudo

100m

Salvador 4

A cidade de Salvador situa-se no estado da Bahia, foi fundada em 1549 pela expedição de Tomé de Souza, com o objectivo de servir de capital política, religiosa e económica da colónia do Brasil. Salvador foi durante séculos o centro da exportação de açúcar e de chegada de escravos, os quais constituíam a principal força laboral na colónia até à recente data de 1888. Situada na baía de Todos-os-Santos, a cidade distribui-se por dois níveis, uma cidade alta, destinada às zonas residenciais e administrativas, e uma cidade baixa relacionada com as actividades do porto.



Salvador 5

O percurso seleccionado situa-se na parte alta da cidade entre o Largo do Carmo, onde se encontram a Igreja da Ordem Terceira do Carmo, e o Convento do Carmo, desce a Ladeira do Carmo, marcada pela escadaria que dá acesso à Igreja do Santíssimo Sacramento, da Rua do Passo até ao Largo do Pelourinho. Este largo recebe várias ruas secundárias; Rua A. Gomes, Rua das Flores, Largo do Passo e Rua do Tabuão. Este Largo é marcado pela Casa do Benin e pela Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e, a sul, na parte mais elevada, pelo edifício da actual Fundação Jorge Amado. Do topo sul da Largo o percurso segue pela Rua Alfredo de Brito (onde se encontra a transparência que permite a vista sobre a baía de Todos os Santos, até ao Terreiro de Jesus, marcado pela Igreja da Ordem Terceira de São Francisco, Igreja São Pedro dos Clérigos e pela Catedral Basílica. Daqui segue pelo Largo do Cruzeiro de São Francisco até à Igreja do Convento de São Francisco.

Todo o percurso é definido por construções de dois e de três pisos com funções residencial e de serviços. Toda a área foi objecto de um vasto programa de reabilitação, cuja parte mais visível se observa a partir de 1992. Anteriormente, em 1985, o centro histórico de Salvador já tinha sido reconhecido pela UNESCO como Património Cultural da Humanidade.



Percurso Pelourinho - Salvador



Salvador - Sec.XVII

Salvador 7



Salvador - Sec.XVI

Salvador 6



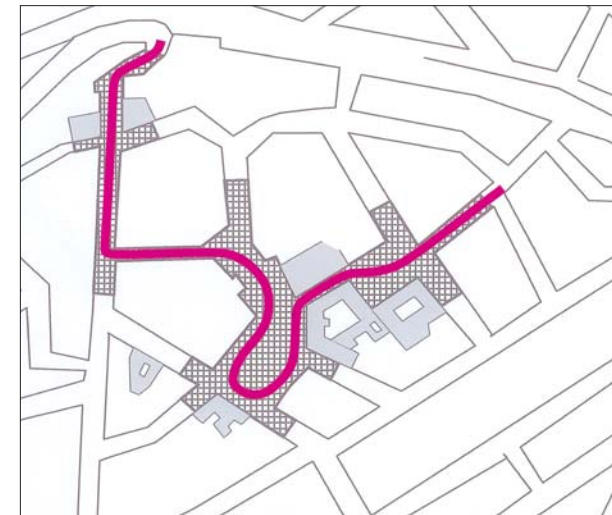
Salvador - Sec.XVII

Salvador 8

Stare Mesto - Bratislava

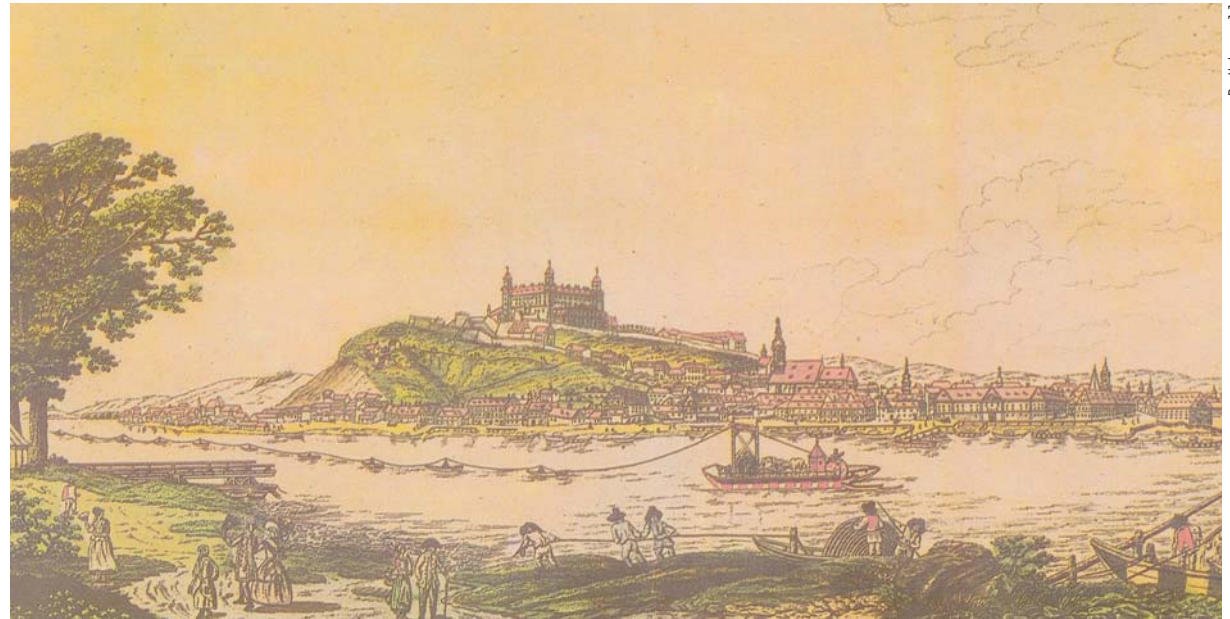


Bratislava, a capital da República da Eslováquia, situa-se junto ao rio Danúbio na proximidade das fronteiras com a Áustria, a Hungria e a República Checa. Anteriormente denominada Presburg foi também capital da Hungria até 1784 sob o nome de Pozsony. Esta cidade que se encontra referenciada desde o século X, teve um grande papel na história militar e económica da região.



Percurso Stare Mesto - Bratislava

O percurso seleccionado situa-se na parte mais antiga da cidade entre a praça Primaciálne Nam, marcada pelo Palácio Primaciálny Palác, construído no fim do século XVIII, e o lado norte da antiga Câmara Municipal, percorre a estreita Rua de Kostolná, para chegar à Praça Hlavné Nam referenciada desde o século XIV, anteriormente denominada por Hauptplatz, (1783), Franz Joseph (1850) e 4 de Abril data da libertação da cidade pelo Exército Soviético. Rodeada por edifícios com diferentes funções, esta praça é marcada pela antiga Câmara Municipal, actual Museu Municipal, de traça gótico tardio e pela fonte dita de Rolland, construída no fim do século XVI. Esta praça dá acesso a uma outra praça denominada Františkovo námestie, e, depois, pela Rua de Biela chega-se à Rua Ventúrska Mickalská, e finalmente à passagem pela Torre Mickalska que é a única porta medieval da cidade que chegou até aos nossos dias. Esta torre data da primeira metade do século XIV, foi alteado no século XVI e reconstruída no seu actual aspecto no fim do século XVIII.



Bratislava - Séc.XVIII

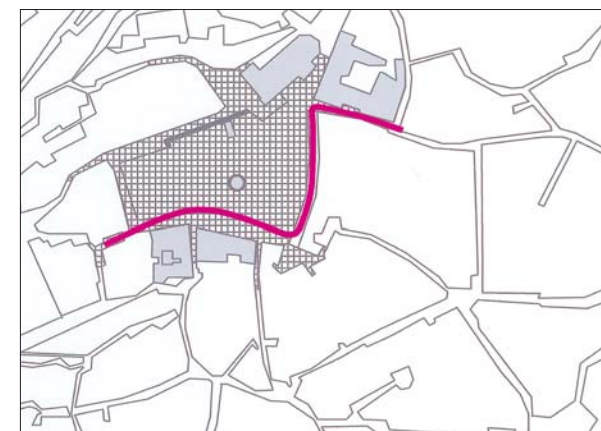
Bratislava 11

Plaza Mayor - Trujillo



Área de estudo

Trujillo é uma pequena cidade situada na Estremadura espanhola. No tempo dos romanos era conhecida por Turgalium. Foi habitada também por Celtas e Mouros. Esta cidade é dominada por um castelo e rodeada parcialmente por fortificações. É conhecida por ter sido o lugar de nascimento de Francisco Pizarro existindo deste, na praça central uma estátua equestre. Como em muitas outras cidades históricas de Espanha o centro é ocupado por uma "Plaza Mayor" que foi construída entre os séculos XVI e XVII, a qual está totalmente recuperada.



Percurso Plaza Mayor - Trujillo

O percurso seleccionado percorre no seu todo esta praça, de planta e construção irregular, de modo a compreender-se a característica de continuidade da sua envolvente. Marcada por edifícios de arquitectura notável, contem por si só quase todos os elementos de análise morfológica estudados neste livro.



Trujillo - Séc.XIX

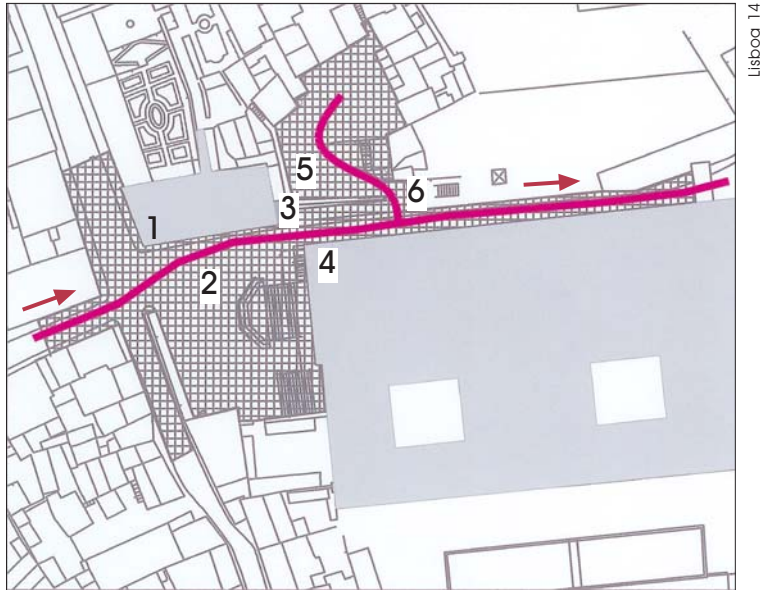
Trujillo 13

3

Percepção de Conjunto

- 3.1. Percurso São Vicente de Fora - Lisboa
- 3.2. Percurso Pelourinho - Salvador
- 3.3. Percurso Stare Mesto - Bratislava
- 3.4. Percurso Plaza Mayor - Trujillo

Percurso São Vicente de Fora - Lisboa



1



2



Lisboa 17

3



Lisboa 19

5



Lisboa 18

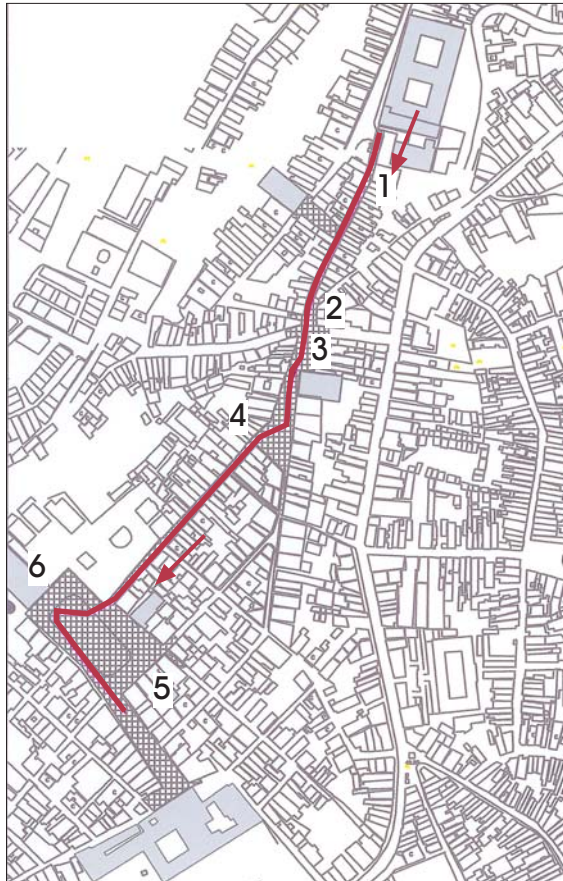
4



Lisboa 20

6

Percurso Pelourinho - Salvador



Salvador 21



Salvador 22

1



Salvador 23

2



Salvador 24

3



Salvador 25

4



Salvador 26

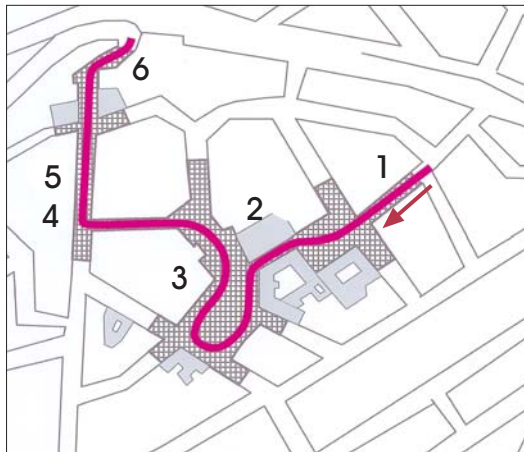
5



Salvador 27

6

Percurso Stare Mesto - Bratislava



Bratislava 28



Bratislava 29



Bratislava 30

2



Bratislava 31

3



Bratislava 32

4



Bratislava 33

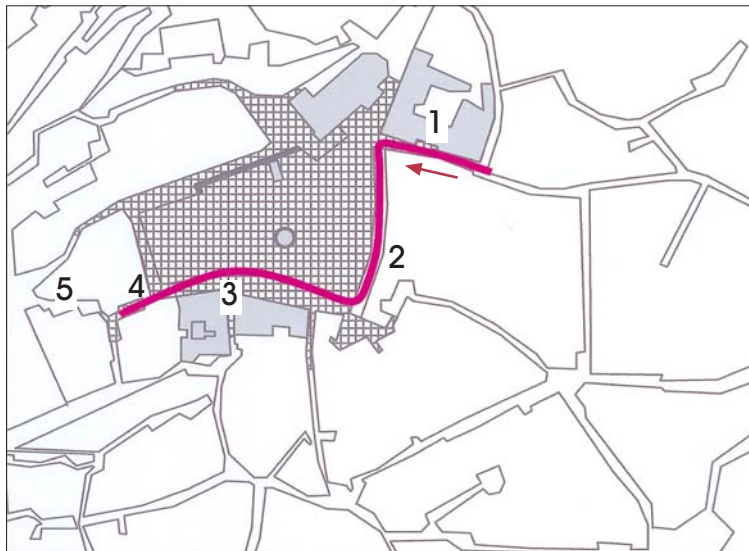
5



Bratislava 34

6

Percurso Plaza Mayor - Trujillo



Trujillo 35



Trujillo 36



Trujillo 37

2



Trujillo 38

3



Trujillo 39

4



Trujillo 40

5

4

Elementos Formais

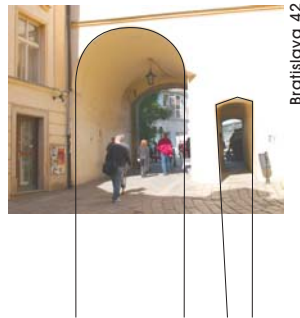
- 4.1. Linha
- 4.2. Simetria
- 4.3. Ritmo
- 4.4. Hierarquia
- 4.5. Limite
- 4.6. Horizonte
- 4.7. Recorte
- 4.8. Textura
- 4.9. Cor
- 4.10. Ferro Forjado
- 4.11. Eixo

Linha

Linha (Do *lat. linea*). **1.** Fio de algodão, seda, linho ou outro material, de grossura variável, geralmente torcido, usado para fins diversos, especialmente para a costura. **2.** Fio grosso e resistente. **3.** Fio de nylon ou outro material, geralmente com anzol numa das extremidades, usado para pescar. **4.** Sistema de fios ou de cabos destinado ao transporte de energia eléctrica. **5.** Sistema de fios através do qual se estabelece a comunicação telefónica ou telegráfica. **6.** Circuito de comunicação que serve cada assinante do telefone. **7.** Traço contínuo de uma só dimensão. **8.** *Geom.* Conjunto dos pontos do plano ou do espaço que resultam de um intervalo por uma transformação contínua. **9.** Traço real ou fictício que delimita duas porções de espaço. **10.** Traço horizontal de uma página sobre o qual se alinham sequências de palavras. **11.** Cada um dos traços horizontais e paralelos que formam uma pauta de música. **12.** Cada um dos traços na palma da mão e que é lido pelos quiromantes para, pretensamente, prever o futuro às pessoas. **13.** Delineamento de uma figura pelo traçado aparente dos contornos. **14.** Elegância, peso e medidas equilibradas do corpo; boa aparência física. **15.** *pl.* Efeito estético produzido pelos traços gerais de uma composição. **16.** Forma, tipo de corte dos modelos de vestuário de uma mesma colecção. **17.** *pl.* Aspectos, pontos ou a disposição geral destes. **18.** Traço fictício numa determinada direcção. **19.** Aquilo que é estreito, longo e contínuo. **20.** Sistema de carris

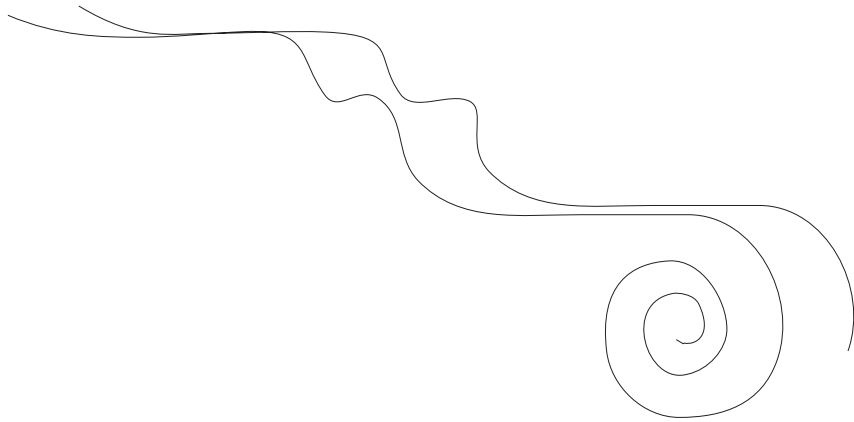
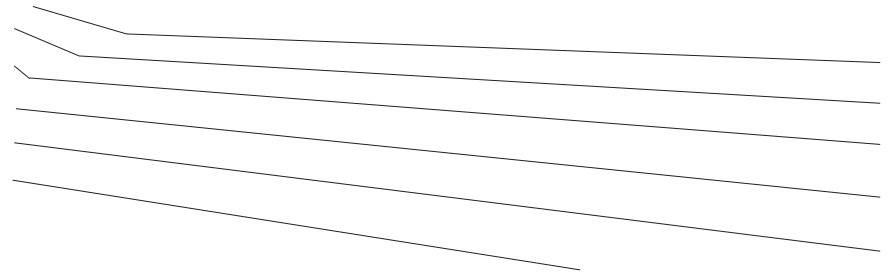
para circulação ferroviária. **21.** Percurso, via seguida por um serviço de transporte terrestre, marítimo ou aéreo. **22.** Serviço regular de transportes entre dois pontos por determinada via. **23.** Rumo, orientação, caminho. **24.** Orientação de comportamento; regra de vida, princípio de acção. **25.** Correção de modos, de compostura. **26.** Ideologia que inspira um ou mais indivíduos. **27.** Orientação no processo de construção ou de criação. **28.** Orientação, tendência da moda numa determinada estação ou para uma determinada faixa etária. **29.** Sequência, série de pessoas ou coisas alinhadas na mesma direcção. **30.** Sequência dos graus de parentescos, conjunto de pessoas que provêm do mesmo tronco. **31.** *Tip.* Série de caracteres alinhados para posterior impressão. **32.** Série de palavras escritas ou impressas que formam um traço, seguindo a mesma direcção nos limites da página. **33.** Conjunto de produtos de beleza ou de outros artigos complementares e ligados por certas qualidades. **34.** *Mil.* Conjunto de soldados em formatura, uns ao lado dos outros. **35.** *Mil.* Série de unidades que ocupam determinada posição estratégica de alinhamento. **36.** *Mil.* Conjunto de fortificações de defesa de uma área, dispostas segundo determinado alinhamento. **37.** *Desp.* Conjunto de jogadores que, ao iniciar-se o jogo, estão a igual distância da divisória da duas partes do campo e costumam desempenhar uma função idêntica. **38.** *Desp.* Traçado que demarca

espaços de competição ou zonas de jogo em campos ou recintos desportivos. **39.** *Desp.* Espaço compreendido entre os corpos dos dois adversários, no jogo de esgrima. **40.** *Tip.* Fio metálico com que se divide uma página em colunas no sentido vertical. **41.** *Constr.* Trave horizontal sobre a qual assentam as pernas da asna e o pendoral, formando parte da armação que suporta o telhado. **42.** *Bras. (RJ).* Cerimónia ritual na macumba. **43.** *pl.* Mensagem escrita, breve; carta curta. **44.** Baptismo da linha. **45.** de primeira linha. **46.** Linha das apsides. **47.** Linha de montagem, conjunto formado por máquinas, equipamentos e operários que realizam, consecutiva e continuamente, as operações. **48.** Linha equinocial, *Geog.*, a imaginária que divide a Terra em dois hemisférios; equador terrestre. **49.** Linha inominada, *Anat.* Saliência da face interna do osso ilíaco. **50.** Linha ventral, *Bot.*, traço de união das margens de um carpelo fechado.

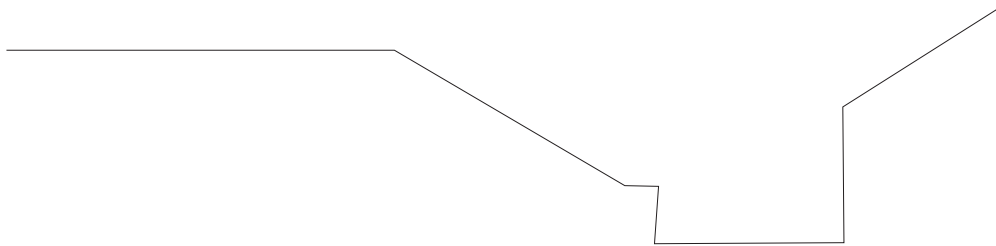




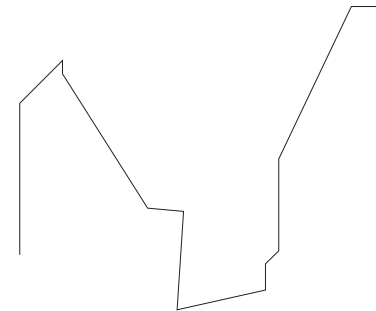
Lisboa 45



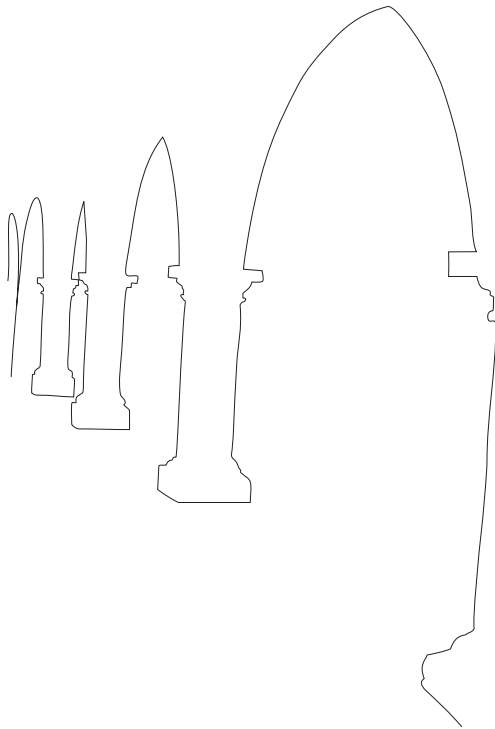
Lisboa 46



Salvador 47



Salvador 48



Trujillo 49



Trujillo 50

Simetria

Simetria (Do *lat. symmetria*). **1.** Qualidade do que é simétrico, do que está regularmente disposto em relação a uma linha mediana. **2.** Semelhança entre duas partes de alguma coisa. **3.** Harmonia resultante de certas combinações e proporções regulares. **4. Literat.** Modo de estruturação da frase, do verso, tendente a criar equivalência, harmonia rítmica, obtidas com perfeições. **5. Anat.** Disposição regular da maior parte dos órgãos do corpo, pela qual uma de duas partes é igual à outra. **6. Geom.** Transformação pontual que a cada ponto M associa M' tal que todos os fragmentos de recta MM' ou têm um ponto médio fixo (simetria em relação a um ponto, o centro de simetria) ou uma recta fixa como mediatriz (simetria em relação a um eixo, o eixo de simetria) ou um plano fixo como plano mediador (simetria em relação a um plano, o plano de simetria). **7. Geom.** Disposição de partes semelhantes dispostas de forma análoga, em relação a um plano, a uma recta, a um ponto. **8. Mat.** Propriedade de uma função cujo valor não se altera quando se trocam entre si quaisquer das variáveis de que depende.



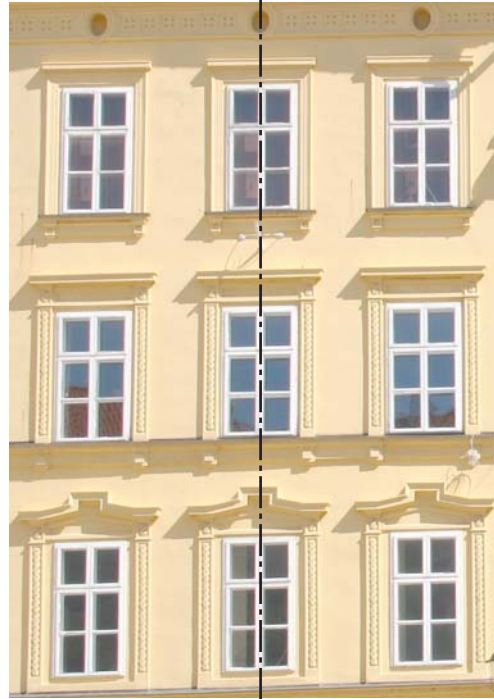
lisboa 51



Salvador 52



Bratislava 53



Bratislava 54



Salvador 55



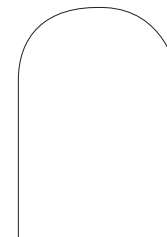


Ritmo

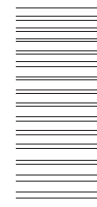
Ritmo (Do lat. *rhythmus*). **1.** Sucessão de fenômenos mais ou menos regulares, que constituem um todo, ao longo do tempo. **2.** Repetição regular de uma variação ou de uma alternância. **3.** Velocidade a que decorrem as diferentes etapas de um processo ou de um trabalho. **4.** Desenvolvimento e correlação harmoniosa entre elementos expressivos e estéticos de um trabalho artístico ou de literário. **5.** *Mús.* Disposição periódica dos tempos, ou partes de tempo, da qual resulta o compasso. **6.** *Literat.* Sequência de tempos fortes e fracos de um verso. **7.** *Bras. Mús.* Conjunto de instrumentos de percussão que marcam a cadência que ordena sons fortes e fracos. **8.** *Bras. Mús.* Conjunto de músicos que, num grupo ou banda, tocam instrumentos de percussão. **9.** Ritmo de galope, cadência provocada pelo passo constante e acelerado dos equídeos.



Bratislava 58

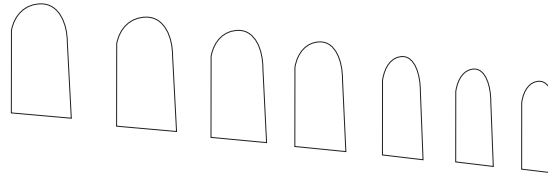


Lisboa 59

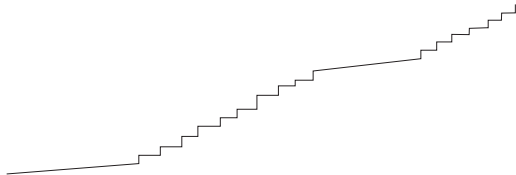
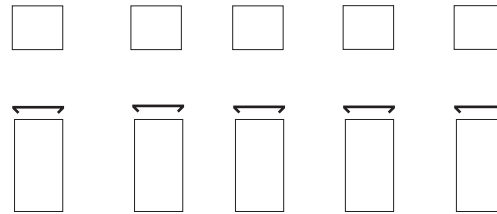




Salvador 60



Lisboa 61



Lisboa 62

Hierarquia

Hierarquia 1. Distribuição ordenada dos graus dos poderes eclesiásticos, civis, militares. **2.** Ordenação ou graduação do poder, da autoridade, das funções dentro de uma instituição..., correspondente às várias categorias de funcionários. **3.** Série crescente ou decrescente de graus ou escalões. **4.** Autoridade do grande sacerdote ou chefe dos sacerdotes, na antiga Grécia.





Lisboa 64



Lisboa 65



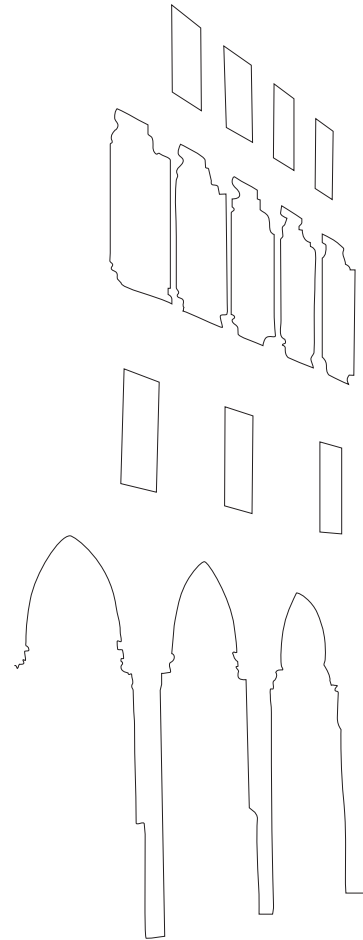
Salvador 66

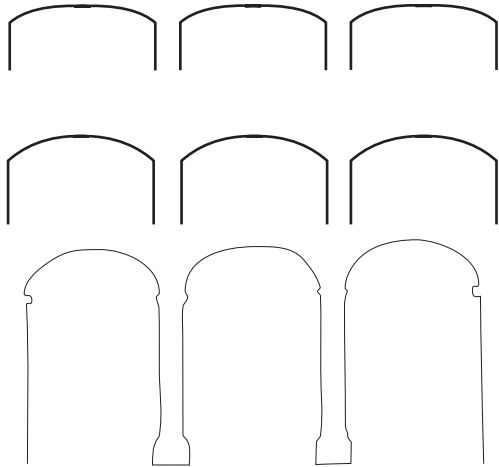


Lisboa 67



Trujillo 68

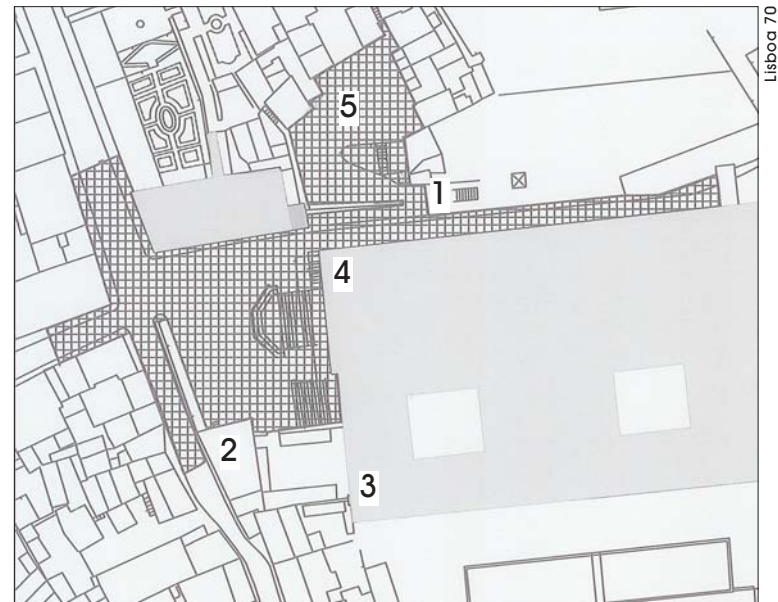




Trujillo 69

Limite

Limite (Do lat. *limes*, *-mitis*) **1.** O que estrema, o que separa dois terrenos ou territórios contíguos. **2.** Linha que marca o fim de uma extensão. **3.** *Us. pl.* Confins, lugares longínquos. **4.** Momento, data, época que marca o começo e/ou o fim de um espaço de tempo. **5.** Ponto extremo que se não pode ou não deve ultrapassar. **6.** *funç. adj.* Que é extremo, que atingiu o grau máximo: que é derradeiro. **7.** Limite de uma sucessão.



São Vicente de Fora - Lisboa



Lisboa 71

1



Lisboa 72

2



Lisboa 73

3



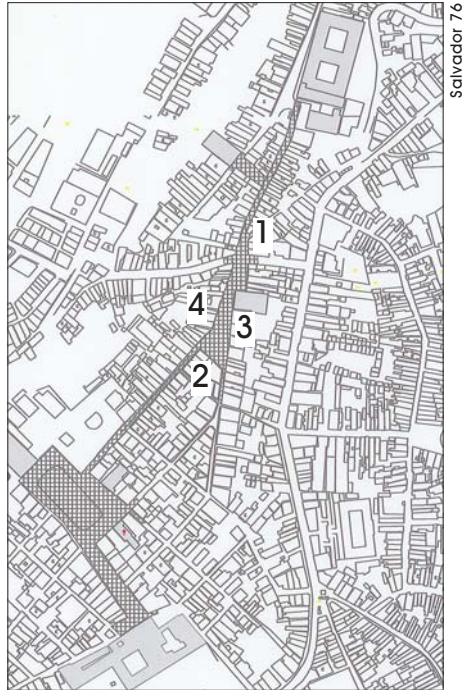
Lisboa 74

4



Lisboa 75

5



1



2

Pelourinho - Salvador



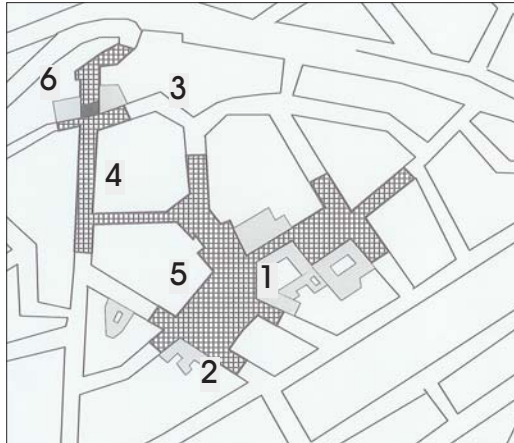
Salvador 79

3



Salvador 80

4



Bratislava 81



Bratislava 82

1



Bratislava 83

2

Stare Mestro - Bratislava



Bratislava 84

3



Bratislava 85

4



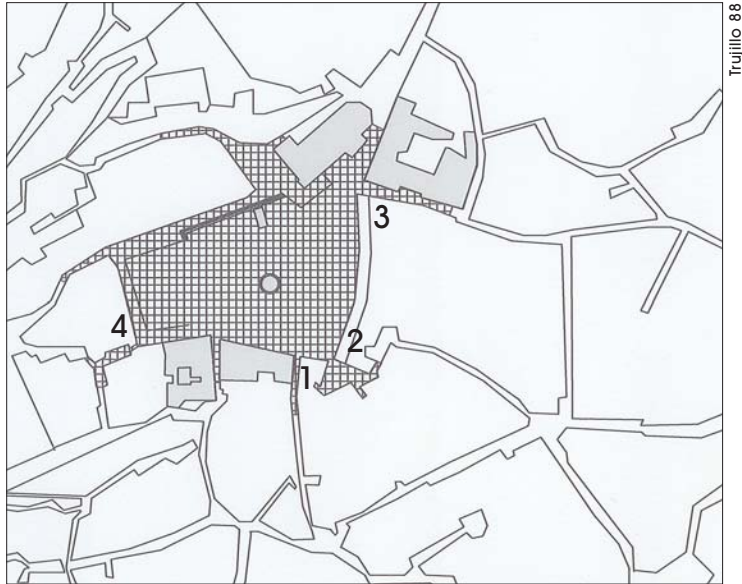
Bratislava 86

5



Bratislava 87

6



Plaza Mayor - Trujillo





Trujillo 90

2



Trujillo 91

3



Trujillo 92

4

Horizonte

Horizonte (Do *lat. horizon, -ontis*). **1.** Geog. Linha circular que limita a observação visual e que parece unir o céu e a terra. **2.** Geog. Parte do céu, da terra...Próxima desta linha. **3.** Espaço visível da superfície terrestre ou que a vista alcança. **4.** Qualquer espaço ou extensão. **5.** *Astr.* Círculo máximo da esfera celeste perpendicular à vertical do lugar. **6.** *B.-Art* Linha que termina a representação do céu num quadro. **7.** Aquilo que sucede ou pode suceder ao momento presente; sorte futura. **8.** *Geol.* Zona paleontológica onde se encontra o mesmo fóssil característico. **9.** *Geol.* Camada do solo relativamente homogênea na composição e estrutura. **10.** *pl. Geol.* Camdas do solo genericamente relacionadas entre si. **11.** Horizonte matemático, plano tangente à superfície da Terra no local de observação.



Lisboa 93



Salvador 94



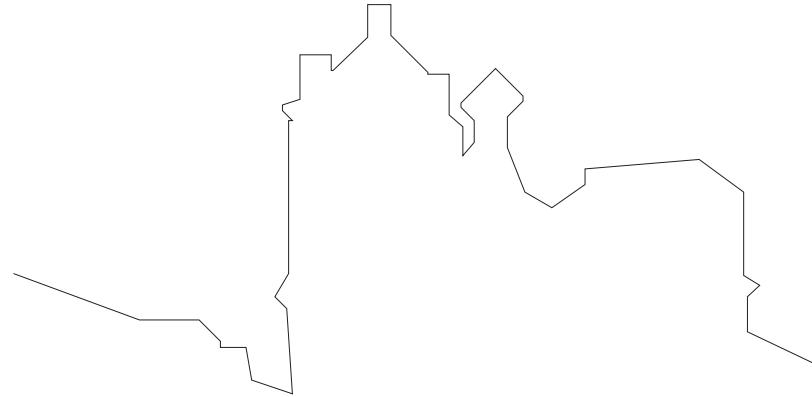
Lisboa 95

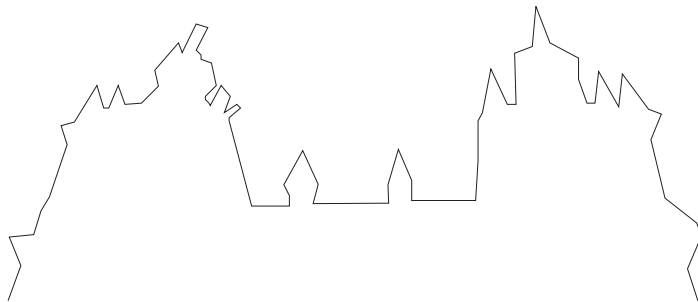


Salvador 96

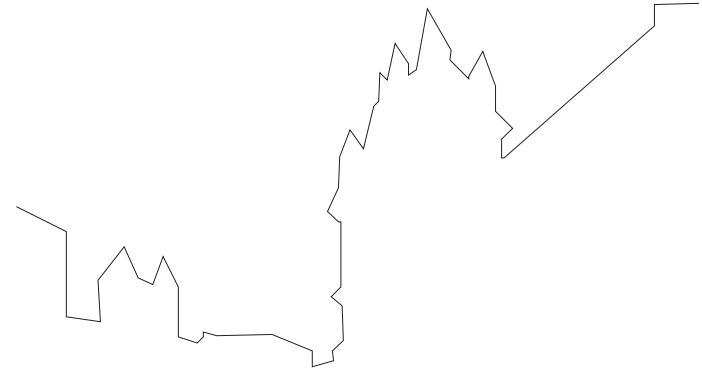
Recortes

Recorte (*Deriv. regres. de recortar*). **1.** Ação de recortar. **2.** Desenho ou lavor obtido através do recorte de uma superfície plana. **3.** Forma apresentada por alguns objectos que parecem recortados. **4.** Saliência ou depressão nos bordos de um objecto. **5.** *Bot.* Divisão dos bordos de uma folha vegetal. **6.** *Geog.* Contorno acidentado nas costas marítimas, no leito dos rios. **7.** Relevo eminência, destaque, evidência. **8.** Apuro, rigor, precisão. **9.** Artigo, notícia... de jornal ou revista que se corta para guardar separadamente. **10.** Pedaco de papel que contém aquele artigo, notícia. **11.** *Tip.* Trabalho que faz parte do alçamento das folhas para preparar a sua impressão. **12.** *Taurom.* Movimento do toureiro através do qual evita a marrada do touro quando este investe. **13.** *Taurom.* Remate vistoso feito com a capa quando esta tom rapidamente um movimento contrário ao que levava anteriormente.

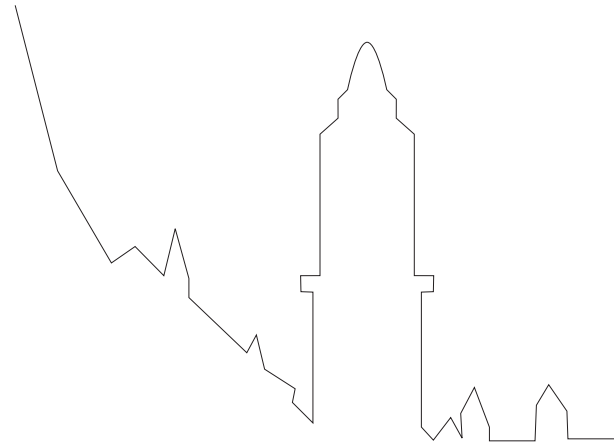




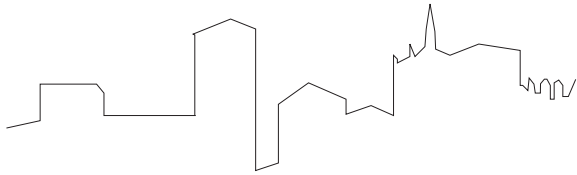
Salvador 98



Salvador 99



Bratislava 100



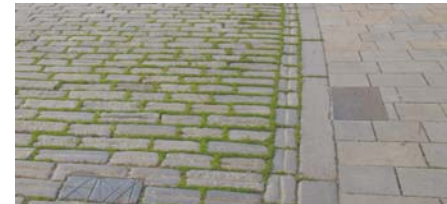
Trujillo 101

Texturas

Textura (Do *lat. textura*). **1.** Acção ou resultado de tecer. **2.** Disposição dos fios de uma coisa tecida. **3.** Disposição das partículas de um corpo. **4.** Arranjo ou organização das partes ou elementos de uma obra, de um todo. **5. Geol.** Característica de uma rocha que resulta do grau de cristalização, dimensão do grão e relações geométricas entre os seus constituintes.



Salvador 102



Salvador 103



Lisboa 104



Lisboa 105



Lisboa 106



Lisboa 107



Bratislava 108



Lisboa 109



Lisboa 110



Lisboa 111

Cor

Cor² (Do lat. *color, ōris*). **1.** Impressão visual produzida por um corpo iluminado, que varia segundo a natureza do corpo ou a luz que o ilumina; propriedade que os corpos têm de absorver ou reflectir a luz em maior ou menor grau. **2.** O que se opõe ao preto e ao branco. **a cores.** **3.** Tom rosado ou moreno da tez. **4.** Substância cosmética para aplicar no rosto a fim de ocultar a palidez. **5.** Substância corante como pigmento, tinta...**6.** Bandeira, pavilhão. **7.** Impressão viva causada pelo que é original ou pitoresco; realce, relevo. **8.** Opinião; partido que se toma. **9.** Carácter, feição. **10.** Aparência, aspecto. **cores de saúde,** aspecto saudável do rosto, com faces rosadas. **11.** Aparência falaciosa; disfarce. **12.** Tons de uma bandeira ou insígnia distintivas ou representativas de uma entidade, grupo, equipa, partido. **13. Manteiga de cor. a cores,** loc. adv. Com recurso à cor.



Lisboa 112



Lisboa 113



Salvador 114



Bratislava 115



Lisboa 116



Salvador 117



Lisboa 119



Lisboa 120



Lisboa 118



Lisboa 121



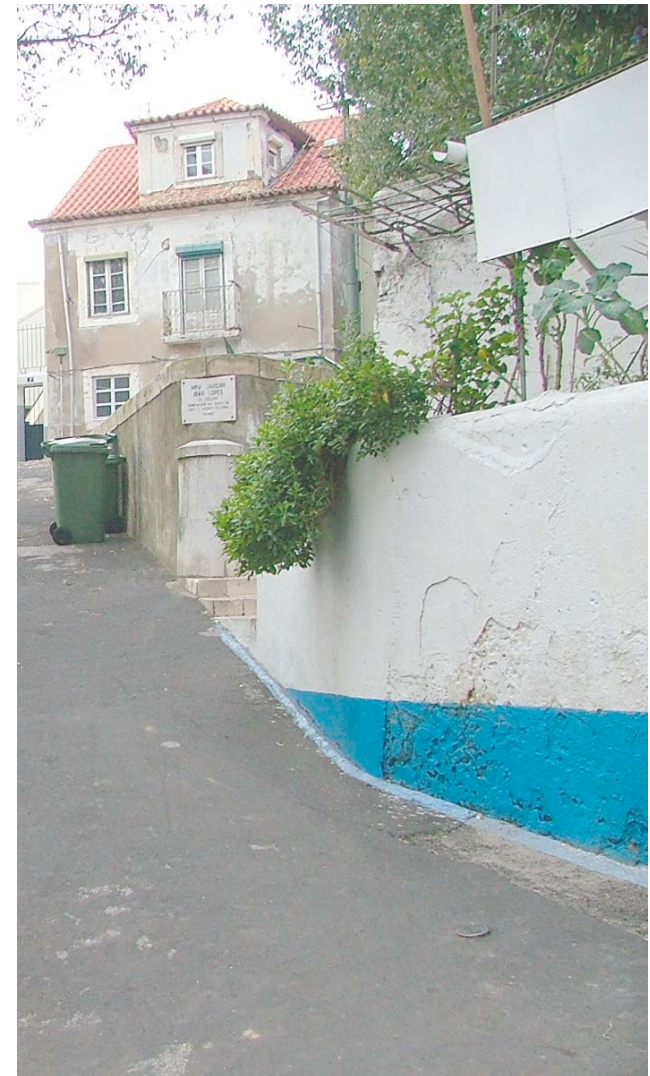
Salvador 122



Salvador 123



Salvador 124



Lisboa 125



Trujillo 126



Lisboa 127



Bratislava 128



Trujillo 129



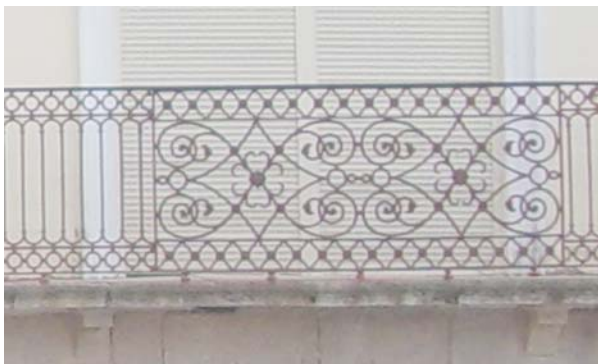
Trujillo 130



Lisboa 131

Ferro Forjado

Forjar (De *forja* + *suf. -ar*). **1.** Trabalhar na forja um metal ou uma liga metálica. **2.** Criar um objecto a partir de metal trabalhado na forja. **3.** Determinar ou determinar-se a configuração, as características ou a natureza de alguma coisa. **4.** Dar ou ter origem. **5.** Fazer a imitação de alguma coisa, com o objectivo de a fazer passar pelo objecto real ou genuíno. **6.** Construir, recorrendo à imaginação, ao raciocínio.



Bratislava 132



Bratislava 133



Lisboa 134



Salvador 136



Lisboa 135



Salvador 137

Eixo

Eixo (Do *lat. axis*). **1.** Linha recta, real ou imaginária, em torno da qual um corpo efectua ou pode efectuar movimento de rotação. **2.** Linha imaginária que divide longitudinalmente. **3.** Linha principal que divide um corpo em partes perpendicularmente simétricas ou equilibradas. **4.** Peça sobre a qual se articulam outras peças que descrevem em torno dela um movimento circular. **5.** Direcção ou sentido. **6.** Sistema geográfico que se dispõe longitudinalmente e que funciona como elemento agregador e de comunicação entre povos ou no seu seio. **7.** Base em que se apoia uma teoria, uma acção, um princípio. **8.** Jogo de crianças, em que cada uma salta por cima das costas, encurvadas, das outras colocadas a distâncias iguais. **9.** Recta em que se fixou uma origem, um sentido positivo e uma unidade de medida. **10.** *Bot.* Órgão central dos veculares. **11. eixos ópticos**, direcções (uma ou duas) ao longo das quais não se dá o fenómeno da refacção dupla e em que o feixe luminoso não é desdobrado quando se propaga. **12. eixo cristalográfico**, *Miner.*, linha imaginária de referência que passa pelo centro de um cristal, para o orientar e definir no espaço, podendo ou não coincidir com os eixos de simetria. **13. Potências do Eixo.** **14. eixo sintagmático**, *Ling.*, em que se combinam as unidades. **15. eixo cerebroespinal**, *Anat.*, o conjunto do cérebro e da medula espinal.



Lisboa 138



Salvador 139



Trujillo 140



Lisboa 141

5

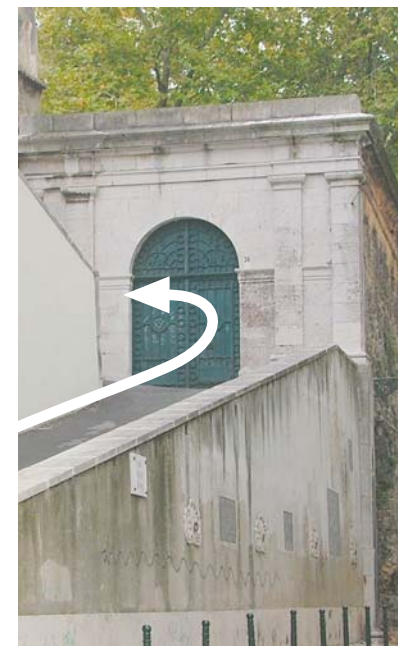
Elementos não Formais

- 5.1. Convite
- 5.2. Percurso Visual
- 5.3. Ponto de Referência
- 5.4. Sombra
- 5.5. Transparência
- 5.6. Uso
- 5.7. Marca
- 5.8. Oposição

Convite

Convite (Do cat. *convit*, do lat. vulgar **convitāre*, por *invitāre* 'convidar'). **1.** Solicitação da presença de alguém em determinado lugar, festa, solenidade...feita oralmente ou por escrito. **2.** Cartão, carta, bilhete em que se formaliza o acto de convidar. **3.** Proposta para fazer alguma coisa. **4.** Incitamento, incentivo para fazer alguma coisa. **5.** Oferta de alguma coisa, presente.









Bratislava 150



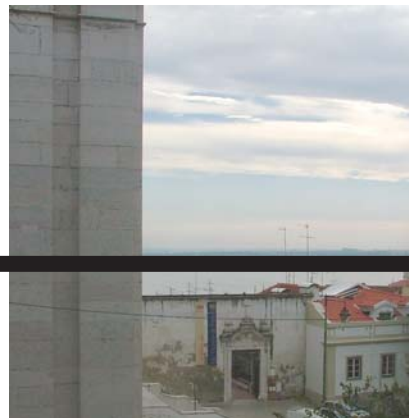
Lisboa 151



Trujillo 152

Percurso

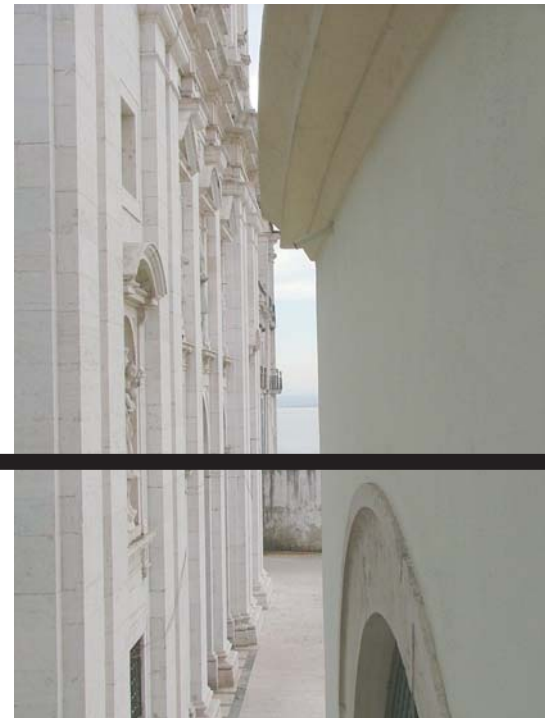
Percurso (Do *lat. percursus*, part. pas. de *percurrere* 'percorrer'). **1.** Acção de percorrer. **2.** Espaço que medeia de um ponto a outro; caminho percorrido. **3.** Aquilo que uma pessoa faz no decurso da vida. **4.** *Desp.* Caminho previamente determinado que um atleta, um corredor, um automobilista...deve seguir numa prova. **5.** *Astr.* Movimento, deslocação dos astros. **6.** *Fís.* Trajectória efectuada por uma partícula que origina ionização por choque com um átomo neutro, até a sua energia já não produzir ionização.



Lisboa 153



Lisboa 154



Lisboa 155



Lisboa 156



Lisboa 157



Lisboa 158

Ponto de Referência

Referência (Do lat. *referens*, -*entis*, part. pres. de *referre* 'referir' + suf. -*ia*). **1.** Acção de relatar, de fazer uma alusão directa; acto ou efeito de referir. **2.** O que é relatado, referido. **3.** Alusão indirecta; menção vaga. **4.** Conjunto de características próprias que são tomadas como modelo referencial. **5.** *Us. pl.* Informações que se dão ou se pedem sobre alguém. **6.** Elemento de localização. **7.** Acção de se referir, de remeter o leitor para um texto, para uma autoridade. **8.** Indicação feita na parte superior de uma carta comercial, de um ofício, mediante iniciais e números e correspondente ao processo a que diz respeito. **9.** Acção de situar em relação a alguma coisa. **10.** Conjunto de informações que permitem identificar um livro, um texto, um artigo. **11.** *Ling.* Propriedade do signo linguístico que permite relacioná-lo a um ser, objecto ou estado de coisas do mundo extralinguístico.



Lisboa 159



Lisboa 160



Bratislava 161



Lisboa 162



Bratislava 163



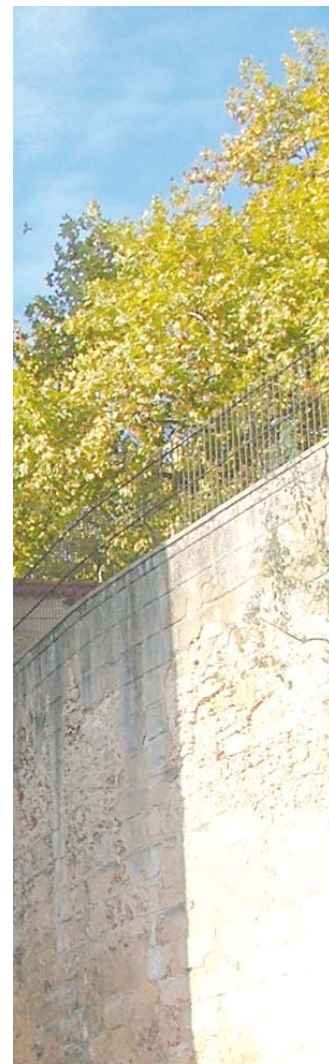
Trujillo 164



Trujillo 165

Sombra

Sombra (Do *ant. solombra*, talvez do lat. *sol* 'sol' + *umbra* 'sombra'). **1.** Zona obscura resultante da interposição de um corpo opaco que intercepta os raios da fonte luminosa. **2.** Zona abrigada dos raios solares. **3.** Forma obscura e mais ou menos deformada que reproduz sobre uma superfície o corpo que intercepta a luz. **4.** *Us. pl.* Formas obscuras projectadas num écran ou superfície lisa iluminada, constituindo um espectáculo ou um divertimento. **5.** Forma de alguém ou alguma coisa de que se distinguem apenas os contornos. **6.** Ausência total de luz solar. **7.** Uma zona mais escura. **8.** O quebra-luz dos candeeiros, lâmpadas eléctricas ou velas. **9.** Peça de vestuário opaca que se põe por baixo de um vestido ou saia para lhe diminuir a transparência. **10.** Zona do desenho mais escurecida para representar as partes menos iluminadas. **11.** Pó colorido que se espalha nas pálpebras. **12.** O que perdeu o seu brilho, beleza ou importância. **13.** Vida discreta, não divulgada. **14.** O mais pequeno sinal de alguma coisa. **15.** O que não se conhece com clareza. **16.** Aspecto negativo de alguém ou de alguma coisa. **17.** Estado de ignorância, de estagnação em relação ao progresso. **18.** Pessoa que acompanha ou persegue outra. **19.** Lugar ao ar livre nas areias e nos circos onde não bate o sol. **20.** Conjunto das pessoas que ocupam esses lugares. **21.** *Gr.* Estabelecimento prisional. **22.** *Us. pl.* O espírito dos mortos, a sua lembrança ou a presença deles que se crê sentir.



Lisboa 166



Salvador 167



Lisboa 168



Lisboa 169



Lisboa 170



Bratislava 171



Bratislava 172



Salvador 173



Salvador 174



Lisboa 175



Lisboa 176



Salvador 177

Transparência

Transparência (Do *fr. transparence*). **1.** Qualidade ou estado do que é transparente. **2.** Qualidade do que deixa passar a luz. **3.** Característica do que é translúcido. **4.** Carácter do que deixa transparecer toda a realidade das coisas, do que exprime a verdade de um facto, acontecimento..., sem o alterar. **5.** Folha de material transparente, que deixa passar inteiramente a luz, e na qual se imprimem ou escrevem textos, desenhos, gráficos...para serem projectados em retroprojector. **6.** *Fís.* Fenómeno através do qual os raios luminosos visíveis são observados através de determinadas substâncias. **7.** *Fot.* Diapositivo próprio para ser projectado em projector fotográfico.



Salvador 178



Salvador 179



Salvador 181



Salvador 180



Salvador 182



Salvador 183



Salvador 184



Lisboa 185



Lisboa 186



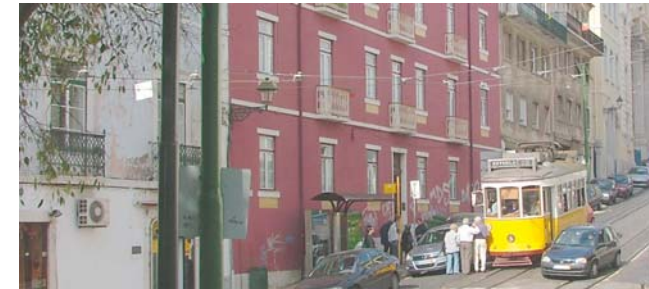
Trujillo 187



Bratislava 188

Uso

Uso (Do *lat. usus*). **1.** Acção ou resultado de usar. **2.** Hábito antigo tradicional. **3.** *Us. pl.* O que constitui a prática habitual, socialmente generalizada. **4.** Modo de usar alguma coisa, de se servir dela. **5.** Emprego que se dá ou se faz de alguma coisa. **6.** *Dir.* Direito de usufruir de algo que é pertença de outrem e dos respectivos frutos. **7.** *Ling.* Maneira particular de empregar, de utilizar os elementos da língua.



Lisboa 190



Lisboa 191



Lisboa 189



Bratislava 192



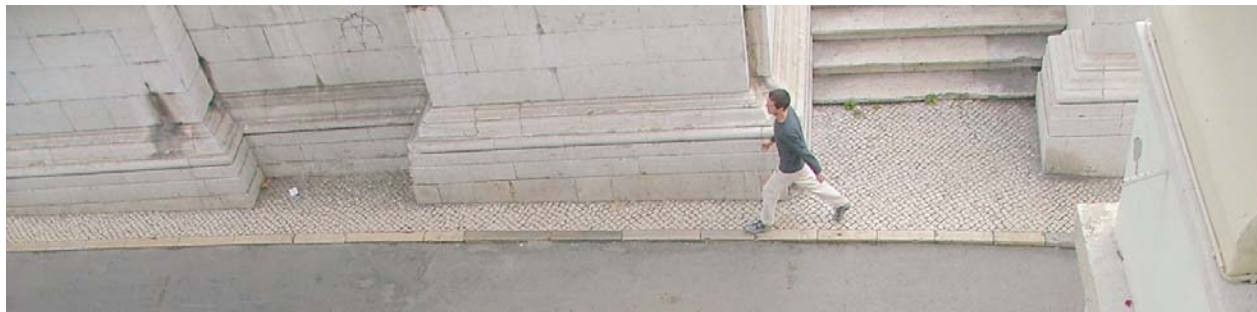
Salvador 193



Bratislava 194



Bratislava 195



Lisboa 196



Salvador 197



Salvador 198



Lisboa 199



Lisboa 200

Marca

Marca (Do germ. *Marka* 'rival'). **1.** Acção ou resultado de marcar. **2.** Sinal feito numa coisa para a distinguir, reconhecer ou servir de referência. **3.** Letra, conjunto de letras ou outro sinal bordado, cosido ou pintado em peças de roupa, para identificar o seu dono. **4.** Sinal feito em animais para identificar o seu proprietário ou para distinguir os diferentes graus de mestiçagem. **5.** Sinal que se faz nas árvores por ocasião do inventário dos cortes. **6.** Sinal gravado em objectos de prata ou ouro que têm os quilates exigidos por lei; cunho, selo. **7.** Sinal que serve de assinatura. **8.** Sinal que se faz para ajudar a recordar algo. **9.** Carimbo que atesta um controlo, o pagamento de direitos. **10.** Desenho, símbolo ou etiqueta, que identifica produtos industriais ou comerciais. **11.** Nome sob o qual um fabricante vende os seus produtos. **12.** Empresa que fabrica produtos de qualidade, conhecidos sob determinada designação. **13.** Vestígio deixado por alguma coisa e que permite reconhecer a sua origem. **14.** Impressão que fica no espírito. **15.** Instrumento metálico com uma figura ou um conjunto de letras gravadas, com que se marcam e identificam objectos ou animais; ferrete. **16.** Medida reguladora; padrão, craveira, bitola. **17.** Peça com que se assinala a pontuação no jogo. **18.** Rodela que se forra de tecido para fazer um botão. **19.** Botão de ceroulas. **20.** Moeda portuguesa antiga, de ouro ou de prata, com valor equivalente a 50 maravedis. **21.** Grau, categoria, espécie, qualidade. **22.** *Us. pl.*

Fronteira, limite. **23.** *Náut.* Ponto fixo da costa ou dabarra, que serve para determinar a posição de um navio. **24.** *Líng.* Particularidade cuja presença numa dada unidade linguística a opõe a outra unidade da mesma natureza. **25.** *Teat.* Movimento ou atitude de um actor ou bailarino, durante uma representação. **26.** *Desp.* Resultado obtido em certas competições, expresso em distâncias, tempos.



Trujillo 201



Trujillo 202



Lisboa 203



Lisboa 204



Salvador 205



Salvador 206



Salvador 207



Lisboa 208

Oposição

Oposição (Do *lat. oppositio, -ōnis*). **1.** Acção ou resultado de opor ou de se opor. **2.** Posição de duas coisas que estão uma em frente da outra. **3. Astr.** Posição de dois corpos celestes que se encontram em pontos do céu diametralmente opostos, relativamente à Terra; posição relativa de dois astros cujas longitudes celeste diferem de 180°. **4.** Relação entre coisas, seres, pessoas que têm características contrárias, opostas. **5.** Relação entre coisas ou pessoas cujas características contrárias as levam a combater-se, a lutar de alguma forma. **6.** Atitude de quem não está de acordo com alguma coisa ou alguém; posição de quem é ou está contra alguma coisa ou alguém. **7.** Atitude, acção de quem reage, resiste a alguma coisa ou a contraria; atitude, acção do que dificulta, põe obstáculos à realização de alguma coisa, ou do que a impede. **8. Polit.** Atitude, acção política dos que estão contra o governo, o partido ou partidos no poder, o regime em vigor. **9. Polit.** Parte da assembleia legislativa composta pelos deputados dos partidos ou agrupamentos políticos que não estão no governo, que se manifestam contra ele. **10. Polit.** Conjunto de pessoas, agrupamentos políticos, partidos que estão contra o governo, o partido ou partidos no poder, o regime em vigor. **11.** Atitude, acção de um grupo de pessoas que, dentro de uma associação, colectividade...discorda da direcção e manifesta essa discordância colocando-lhe entraves. **12.** Esse grupo de pessoas. **13. Retór.** Figura

de estilo que consiste na reunião de duas ideias aparentemente contraditórias. **14. Ling.** Relação de uma unidade linguística com outras unidades do mesmo nível que a podem substituir num dado contexto e que pertencem, pois, ao seu conjunto paradigmático. **15. Filos.** Discordância ou não conveniência das proposições, em Lógica. **16. Dir.** Acto pelo qual se declara um impedimento legal ao cumprimento de um outro acto ou de um processo. **17. Esgr.** Movimento da mão para desviar um golpe. **18. Psicol.** Atitude do paciente que se nega a qualquer exame, a qualquer contrato social.



Trujillo 209



Lisboa 210



Bratislava 211



Bratislava 212



Lisboa 213

Bibliografia

Orientação bibliográfica para o estudo da morfologia urbana no contexto da Urbanística

ABERCROMBIE, Patrick
(1933), **Town and Country Planning**, Thornton Buttrworth, London
ADAMS, Thomas
(1935), **Outline of Town and City Planning. A Review of past Efforts and Modern Aims**, W.M.Fell Co. Printers for the Russell Sage Foundation, New York
ALDUY, Jean Paul
(1991), **Si Saint-Quentin en-Yvelines m'était conte**, EPA, Paris
ALOMAR ESTEVE, Gabriel
(1947), **Teoría de la ciudad. Ideas fundamentales para un urbanismo humanista**, Instituto de Estudios de Administración Local (IEAL), Madrid.
AMIN, Ash, et al
(2002), **Cities : reimagining the urban**, Polity, Cambridge
ANSAY, Pierre, et al
(1989), **Penser la ville : choix de textes philosophiques**, Schoonbrodt. Archives d'Architecture Moderne, Bruxelles
APPLEYARD, Donal; JACOBS, Alan.
(1984), **Toward an Urban Design Manifesto**. Institute of Urban and Regional Development University of California.
ASCHER, François
(1998), **Metapolis : acerca do futuro da cidade**, Celta, Lisboa
ASENSIO CEVER, Francisco
(1998), **World of environmental design**, Arco Editorial, Barcelona
AUZELLE, Robert
(1971), **Clefs pour l'urbanisme**, Seghers, Paris
AYMONINO, Carlo.

(1981), **O Significado das cidades**, Presença, Lisboa
BACON, Edmund N.
(1967), **Design of Cities**, Viking Press, New York
BALBO, Pier Paolo, DE COLA, Bruno
(1992), **Il progetto urbano**, Gangemi, Roma.
BAKER, Geoffrey H.
(1991), **Análisis de la forma : urbanismo y arquitectura**, Barcelona : Ed. Gustavo Gili,
BARATA, J. P. Martins,
(1989), **Pensar Lisboa**, Livros Horizonte, Lisboa
BARDET, Gaston
(1945), **L'Urbanisme**, Edit. Presses Universitaires de France, Paris
BARDET, Gaston
(1948), **Le Nouvel Urbanisme**, Ed. Vicents Freal et Cie, Paris
BAUMEISTER, Reinhard
(1876), **Stadt-Erweiterungen in technischer baupolizeilicher und wirtschaftlicher Beziehung**, Ernst und Korn, Berlin
BENEVOLO, Leonardo
(1994), **As Origens da Urbanística Moderna**, trad. Conceição Jardim e Eduardo L. Nogueira. Presença, Lisboa
BENÉVOLO, Leonardo.
(1980), **Projectar a Cidade Moderna**. Tradução de Rafael Moreira, Lisboa: Presença,
BENTLEY, Ian, ALCOCK, Alan, MCGLYNN, Sue, MURRAIN, Paul, SMITH, Graham,
(1985), **Responsive environments. A manual for designers**, Architectural Press, London,
BEYLER Jean-Noël Org.
L'Axe Majeur : Cergy-Pontoise, Paris : Cergy-Pontoise, 1980
BONNET, Jacques
(1994), **Les grandes métropoles mondiales**, Nathan, Paris

BOTTONI, Piero
 (1938), **Urbanistica**, Ulrico Hoepli Editore, Milão
 BOYER, M. Christine
 (1994), **The city of collective memory : its historical imagery and architectural entertainments**, The MIT Press, Cambridge, Mass. :
 BRANDÃO, Pedro, e outro
 (2002), **O chão da cidade : guia de avaliação do design de espaço público**, Centro Português de Design, Lisboa
 BRINCKMANN, Albert Erich
 (1923), **Platz und Monument**, Ernst Wasmuth A.-G., Berlin
 BUCHANAN, Colin D.
 (1963), **Traffic in towns**, Her Majesty's Stationery Office by Waterlow & Sons (HMSO), London
 BULS, Charles
 (1893), **Esthétique des villes**, Bruylant-Christophe, Bruxelas.
 BURNHAM, Daniel H
 (1909), BENNET, Edward H., **Plan of Chicago**, Ed Charles Moore, Commercial Club of Chicago, Chicago.
 CAMPOS VENUTI, Giuseppe
 (1987), **La terza generazione dell'urbanistica**, Franco Angeli, Milão
 CANDELA Celestino, e outro
 (1999), Juan Jesus Trapero, **La Práctica del Planeamiento Urbanístico**, Editorial Sintesis,
 CANCELLIERI, Anne
 (1992), **L'habitat du futur : défis et prospective pour le prochain quart de siècle**, préf. de Michel Giraud. La Documentation Française, Paris
 Carvalho Jorge
 (2003), **Ordenar a Cidade**, Quarteto Editora, Lisboa
 CASTELLS, Manuel
 (1972), **La question urbaine**, F. Maspero, Paris.
 CASTELLS, Manuel

(1984), **Problemas de investigação em sociologia urbana**, 3ª ed., Presença, Lisboa
 CATALOGUE DE L'EXPOSITION L'ESPRIT PIONNIER, 1998-1999
 (2001), **L'esprit pionnier : une exposition de l'Écomusée de Saint-Quentin-en-Yvelines** / dir. Julie Guiyot-Corteville, ESQY, Saint-Quentin-en-Yvelines, CERDÀ, Ildefonso
 (1867), **Teoría general de la urbanización y aplicación de sus principios y doctrinas a la reforma y ensanche de Barcelona**, Imprensa espanola, Madrid
 CHADWICK, George F.
 (1970), **A systems view of planning. Towards a theory of the urban and regional planning process**, Pergamon Press Ltd., Oxford
 CHALINE, Claude
 (1996), **Les villes nouvelles dans le monde**, 2e ed. - Presses Universitaires de France, Paris
 CHÂTEAUREYNAUD, Philippe
 (1995), **Mémento de l'urbanisme**, 1 ère ed. - Le Moniteur, Paris
 CHOAY, Françoise
 (2000), **A alegoria do património**, trad. Teresa Castro. - Ed. 70, Lisboa
 CHOAY, Françoise
 (1980), **A regra e o modelo : sobre a teoria da arquitetura e do urbanismo**, trad. Geraldo Gerson de Souza. - Ed. Perspectiva, São Paulo
 CHOAY, Françoise
 (1965), **L'Urbanisme, utopies et réalités**, Editions du Seuil, Paris
 COLÓQUIO A PRAÇA NA CIDADE PORTUGUESA
 (2000), **A praça na cidade portuguesa**, coord. Manuel C. Teixeira. Livros Horizonte, Lisboa
 COLÓQUIO INTERNACIONAL UNIVERSO URBANÍTICO PORTUGUÊS 1415-1822,
 (2001), **Universo urbanístico português 1415-1822** :

actas / coord. ed. Walter Rossa, Helder Carita, Renata Araújo. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Coimbra
CORT, César
(1941), **Campos urbanizados y ciudades ruralizadas**, Federación de Urbanismo y de la Vivienda de la Hispanidad, Madrid
CULLEN, Gordon
(1996), **Paisagem urbana**; trad. Isabel Correia, Carlos Macedo. Ed. 70, Lisboa
DEL RIO, Vicente, Duarte, Cristiane & Rheingantz, Paulo
(2002), **Projecto do lugar**, Contra Capa Livraria, Rio de Janeiro
DEL RIO, Vicente.
(1990), **Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planeamento**, Pini, São Paulo
DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (Org.).
(1996), **Percepção Ambiental: a Experiência Brasileira**. São Paulo: Nobel. São Carlos: UFSC,
DEL RIO, Vicente
(1982), **Desenho Urbano: Conceitos e Enfoques**. Editora da UFRJ, Rio de Janeiro
EBERSTADT, Rudolph
(1909), **Handbuch der Wohnungswesen und der Wohnungsfrage**, Fischer, Jena
ESTEBAN I NOGUERA,
(1981), **Elementos de ordenación urbana**, Goya Ciencia, Barcelona
FARRET, Ricardo (Org.).
(1985), **O Espaço da Cidade: uma contribuição a Análise Urbana**. Projeto, São Paulo
FINE, Marc
(2002), **Espacios urbanos**, Atrium Group, México
FOLGUERA GRASSI, Francisco
(1959), **Urbanismo para todos**, Colegio Oficial de Arquitectos de Cataluna y Baleares, Barcelona.
FORESTIER, Jean Claude Nicolas

(1908), **Grandes villes et systemes de parcs**, Hachete et Cie, Paris .
FRANÇA José Augusto,
(2005), **Lisboa: Urbanismo e Arquitectura**, Livros Horizonte, Lisboa
FRANÇA, José Augusto
(1977), **Lisboa pombalina e o iluminismo** , 2ª ed revista e aumentada. - Bertrand, Lisboa
FRIEDMAN, Yona
(1970), **L' architecture mobile: vers une cité conçue par ses habitants**, Casterman, Paris et Tournai
GARNIER, Tony
(1917), **Une Cité Industrielle. Étude pour la construction des villes**, Massin et Cie, Paris
GEDDES, Patrick
(1915), **Cities in Evolution: an introduction to the town planning movement and the study of civics**, Williams & Norgate, London
GIBBERD, Frederick
(1953), **Town Design**, Architectural Press, London
GIOVANNONI, Gustavo
(1931), **Vecchie città ed edilizia nuova**, Unione Tipografica Editrice Torinese, Torino
GOITIA, Fernando Chueca
(1996), **Breve História do Urbanismo**; trad. Emílio Campos Lima, Presença, Lisboa
GOODEY, Brian.
(1984), **Percepção, Participação e Desenho Urbano**. Tradução de Vicente Del Rio e Outros. Avenir e UFRJ, Rio de Janeiro
Gravagnuolo Benedetto,
(1998), **Historia Del Urbanismo en Europa, 1750-1960**, Ediciones Akal, S.A.,
Güell José Miguel Fernández,
(1997), **Planificación Estratégica de Ciudades**, Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona,
HAROUËL, Jean-Louis

(1993), **Histoire de l'urbanisme**, P.U.F., Paris
 HAUGHTON Graham
 (1994), HUNTER Colin, **Sustainable cities**, Jessica Kingsley
 Publisers, London
 HÉNARD, Eugene
 (1902-1909), **Etudes sur les transformations de Paris**,
 Librairie Centrale d' Architecture, Paris,
 HILBERSEIMER, LUDWIG Karl
 (1955), **The Nature of Cities**, Paul Theobald & Co.,
 Chicago
 HOWARD, Ebenezer
 (1902), **Tomorrow: A peaceful Path to Realm Reform**,
 Swan Sonnenschein & Co., London
 HUOT, Jean-Louis
 (1988), **La ville neuve : une idée de l'Antiquité**, Ed.
 Errance, Paris
 JACOBS, Jane
 (1961), **The death and life of great Americam cities**,
 RandomHouse, New York.
 Jan Gehl & Lars Gemzoe,
 (2002), **Novos Espaços Urbanos**, Editorial Gustavo Gili,
 SA, Barcelona,
 KATZ, Peter
 (1994), **The New Urbanism: Toward an Architecture
 of Community** ed., McGraw-Hill, New York.
 KRIER, Rob
 (1985), **El espacio urban**; pref. Colin Rowe. Ed. Gustavo
 Gili, Barcelona
 KRIER, Leo e outro
 (1978), **La reconstruction de la ville européenne.
 Rational Architecture Rationnelle. The reconstruction
 of the European city**, Archives d' Architectute Moderne,
 Hans Werlemann, Bruxelas .
 KRIER, Robert
 (1975), **Stadtraum in Theorie und Praxis**, Krämer,
 Stuttgart
 KOSTOF, Spiro

(1999), **The city shaped : urban patterns and
 meanings through history**, A Bulfinch Press Book Little,
 Brown and Company, Boston
 LANG, Michael H.
 (1999), **Designing utopia : John Ruskin's urban vision
 for Britain and America** , Black Rose Books, Montréal
 LAMAS, José Ressano Garcia.
 (2000), **Morfologia urbana e desenho da cidade**.
 Fundação Calouste Gulbekian Fundação para a
 Ciência e a Tecnologia, .Lisboa
 LE CORBUSIER
 (1924), **Urbanisme**, Editions Crés, Paris
 LE CORBUSIER
 (1992), **Urbanisme**; trad.Maria Ermantina Galvão
 Gomes Pereira, Martins Fontes, São Paulo
LE CORBUSIER,
 (1935), **La ville radieuse. Elements d'une doctrine
 d'urbanisme pour l'equipement de la civilisation
 machiniste**, Editions de L'Architecture d'Aujourd'hui,
 Boulougne-sur-Seine
 LE CORBUSIER
 (1946), **Manière de penser l'Urbanisme**, Editions de l'
 Architecture, Paris
 LEFEBVRE, Henri
 (1968), **Le droit à la ville**, Ed. Antrhapos, Paris
 LACAZE, Jean-Paul
 (1995), **La ville et l'urbanisme : un exposé pour
 comprendre un essai pour réfléchir**, Flammarion, Paris
 LANG, Jon
 (1994), **Urban Design. The American Experience**, Van
 nostrand Reinhold, New York
 LAVEDAN, Pierre
 (1926), **Qu'est-ce que l'Urbanisme? Introduction à
 l'histoire de l'Urbanisme**, Hemi Laurens, Paris
 LEFEBVRE, Henri
 (1969), **O Direito à Cidade**. Tradução de T. C. Netto,
 Documentos, . São Paulo

LEVY, John M.
(1997), **Contemporary urban planning**, Upper Saddle River : Prentice-Hall,
LITTLEWOOD, Michael
(1995), **Diseño urbano 1º vol. : muros y cerramientos, 2º vol. : pavimentos rampas escaleras y márgenes, 3º vol. : Árboles**, Ed. Gustavo Gili, México
LOBO, Manuel Costa, e outro
(1996), **Normas urbanísticas : princípios e conceitos fundamentais**, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa
LÔBO, Margarida Souza
(1995), **Planos de urbanização : a época de Duarte Pacheco**, Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto
LONGUET Jacques Org.
(1997), **Évry : moments de vie histoires architectures**; pref. Jacques Guyard. - Ed. Acatos, Lausanne
LYNCH, Kevin
(1960), **The Image of the City**, The Massachusetts Institute of Technology Press, Cambridge (Mass.)
LYNCH, Kevin
(1999), **A boa forma da cidade**; trad. Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho. - Lisboa : Ed. 70,.
LYNCH, Kevin
(1999), **A imagem da cidade**; trad. Maria Cristina Tavares AfonsoEdições 70, Lisboa
LYNCH, Kevin
(1962), **Site Planning**, The MIT Press, Cambridge (Mass.)
LYNCH, Kevin
(1981), **A Theory of Good City Form**, The MIT Press, Cambridge (Mass)
MALTA, Maurício; TURKIENCZ, Benamy.
(1986), **Desenho Urbano**. Anais do II SEDUR. Projeto,. São Paulo
MAGALHÃES, Manuela Raposo
(2001), **A arquitectura paisagística : morfologia e complexidade**; pref. Gonçalo Ribeiro Telles. Estampa,

Lisboa :
MCHARG, Ian L.
(2000), **Proyectar con la naturaleza**; trad. Purificación Fernández Nistal., : Ed. Gustavo Gili, Barcelona
MCLOUGHLIN, J. Brian
(1969), **Urban and Regional Planning. A systems approach**, Faber and Faber Limited, London
MILJUTIN, Nikolai, ALEKSANDROVIC, Nikolai,
(1930), **Problema stroitelstv Socialisticheskij goradov**, State Publishing House, Moscovo
MERLIN, P.
(1994), **Urbanisme et aménagement**, Paris : Institut Français de l'Urbanisme,.Paris
MERLIN, Pierre
(1972), **Les villes nouvelles : urbanisme régional et aménagement**, pref. Paul Delouvrier, Presses Universitaires de France, Paris
MERLIN, Pierre, e outro
(1988), **Dictionnaire de l'urbanisme et de l'aménagement**, PUF, Paris
MOUGHTIN, Cliff
(1992), **Urban Design: Street And Square**, Butterworth Architecture,Oxford
MORRIS, A.E.J.
(1998), **History of urban form : before the industrial revolutions**, Longman Edinburgh
MOUGHTIN, Cliff
(1995), **Urban Design: Ornament And Decoration**, Butterworth Architecture,Oxford
MOUGHTIN, Cliff
(1999), CUESTA, Rafael; SARRIS, Christine; SIGNORETTA Paola, **Urban Design: Method and Techniques**, Architectural Pres, Oxford
MOUTINHO, Mário,
(1984) **Arquitectura popular portuguesa**, Editorial Estampa, Colecção: Teoria da Arte, Lisboa.
MUMFORD, Lewis

(1938), **The Culture of Cities**, Harcourt-Brace and Co., New York
MUMFORD, Lewis
(1961), **The City in History: its origins, its transformations and its prospect**, Harcourt, Brace & World, New York; Mumford Lewis,
(2004), **A Cidade na História, Suas Origens, Transformações e Perspectivas**, Lisboa
Oliva Achille Bonito
(2003), **La ciudad radiante**, Editora Skira, Milão, Assoc. Arquitectos Portugueses
(1988)Arquitectura Popular em Portugal, OA, Lisboa
NORBERG-SCHULZ, Christian
(1979), **Genius Loci. Paessaggio, ambiente, architettura**, Electa, Milão
OLMSTED, Frederick Law
1870, **Public parks and the enlargement of towns**, Riverside Press, Cambridge, (Mass).
PANERAI, Philippe R.; CASTEX, Jean; DEPAULE, Jean Charles (1986) **Formas Urbanas: de la Manzana al Bloque**, Barcelona: Gustavo Gili,
PANERAI, Philippe
(1980), DEPAULE, Jean-Charles; DEMORGÓN, Marcelle VEYRENCHE, Michel, **Elements d'Analyse Urbaine**, Archives d'Architecture Moderne, Bruxelas
PARK, Robert Ezra
(1925), et al., **The City**, The University of Chicago Press, Chicago
PELLETIER, Jean, e outro
(2000), **Villes et urbanisme dans le monde**, 4e ed. : Armand Colin, Paris
PINON, Pierre
(1992-1994), **Composition urbaine**, Editions du STU., Paris
POETE, Marcel
(1929), **Introduction a l'urbanisme: l'evolution des villes: la leçon de l'antiquité**, Boivin & Cie, Paris.

RELPH, Edward
(1990), **A paisagem urbana moderna**; trad. Ana MacDonald de Carvalho. Ed. 70, Lisboa
Org. VALLADARES Licia
(1990), Reestruturação urbana : tendências e desafios, Nobel, São Paulo
RÉMY, Jean, e outro
(1997), **A Cidade : Rumo a uma nova definição**; trad. José Domingues de Almeida. Edições Afrontamento, Porto
REY, Augustin e outro
(1928), **La science des plans des Villes. Ses applications a la construction, a l'estension, a l'hygiene et a la beauté des Villes**, Dunod, Paris
RIGOTTI, Giorgio
(1947-1952), **Urbanistica: I-La Tecnica; Urbanistica: II-La composizione**, Ed. Unione tipografico-editrice torinese, Torino
ROBINSON, Charles Mulford
(1903), **Modern Civic Art or the City made Beautiful**, G. P. Putnam's sons, New York and London
ROGERS, Richard, e outro
(2001), **Cidades para um pequeno planeta** ; trad. Anita Regina di Marco, Ed. Gustavo Gili, Barcelona
ROULLIER, Jean-Eudes
(1989), **Villes nouvelles en France**, Economica, Paris
ROSSI, Aldo
(1966), **L'architettura della città**, Marsilio, Padova
RUANO, Miguel
(2000), **Ecourbanismo : entornos humanos sostenibles : 60 proyectos** , 2ª ed. - Ed. Gustavo Gili Barcelona
RYKWERT, Joseph
(1985), **La idea de ciudad : antropologia de la forma urbana en el mundo** , Hermann Blume, Madrid
SAARINEN, Eliel
(1943), **The City. Its Growth, its decay, its future**, Reinhold Publishing Corporation, London & New York

SANTOS Maria Helena Ribeiro dos,
(2005), **A Baixa Pombalina, Passado e Futuro**, Livros Horizonte, Lisboa
SAMONÀ, Giuseppe
(1959), **L'urbanistica e l'avvenire della città negli stati europei**, Laterza, Bari
Sennett Richard,
(2003), **Carne y Piedra. El cuerpo y la ciudad en la civilización occidental**, Alianza Editorial, Madrid
SERT, José Luis
(1942), **Can our cities Survive? An ABC of Urban Problems, their analysis, their solutions**, Harvard University Press, Cambridge (Mass) .
SITTE, Camillo
(1889), **Der Städtebau nach seinen Künstlerischen Grundsätzen**, Graeser, Viena
SITTE, Camillo
(1992) **A construcão das cidades segundo seus princípios artísticos**; Trad Ricardo Ferreira Henrique Atica, São Paulo,
STEIN, Clarence
(1951), **Toward New Towns for America**, University Press of Liverpool, Liverpool
STÜBBEN, Joseph
(1890), **Der Städtebau, Handbuch der Architektur**, Verlag von Arnold Bergstrasser, Darmstadt
TEIXEIRA, Manuel, e outro
(1999), **O urbanismo português : séculos XIII-XVIII** : Portugal-Brasil, Livros Horizonte, Lisboa
TRANCIK, Roger
(1986), **Finding Lost Space. Theories of Urban Design**, Van Nostrand Reinhold, New York
UNWIN, Raymond
(1909), **Town Planning in practice: An introduction of the Art of Designing Cities and Suburbs**, T. Fisher Unwin, London
VARANDA, Fernando

(1999), **Compêndio elementar de prática de urbanismo**, ULHT, Lisboa
WAGNER, Otto
(1911), **Die Grossstadt. Eine Studie über diese**, Verlag Anton Schroll, Wien
VERDÚ Vicente e outro,
(2005), **El mundo que viene. La ciudad inquieta. El urbanismo contemporáneo entre la realidad y el deseo**,
WRIGHT, Frank Lloyd
(1958), **The Living City**, Horizon Press, New York
VITRUVIO
(1995), **Les dix livres d'architecture**; pref. Antoine Picon.
- Bibliothèque de l'Image, Paris

Fontes

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo (2001) para o significado resumido dos 19 termos tratados.

Todas as imagens foram obtidas por docentes e alunos do Curso de Licenciatura em Urbanismo e do Curso de Mestrado em Urbanismo da ULHT. Projecto **Morfologia Urbana**, em curso no Centro de Estudos de Sociourbanismo (integrado na Unidade de Estudo e Investigação em Ciências Sociais Aplicadas FCT – ID 462), com excepção das seguintes:

p.14, SITTE, Camillo (1889), ***Der Städtebau nach seinen Künstlerischen Grundsätzen***, Graeser, Viena

p.17, LYNCH, Kevin, (1999), ***A imagem da cidade***; Edições 70, Lisboa

p. 22, CULLEN, Gordon, (1996), ***Paisagem urbana***; Ed. 70, Lisboa

p. 29, Braun e Hogenberg, Edição Mundo do Livro, Lisboa e Georges Landmann, Edição Mundo do Livro

p. 30, Almeida, José Carlos, vista aérea da Cidade Alta, com o Centro Histórico em primeiro plano. Bahia, Centro Histórico de Salvador, Programa de Recuperação, Instituto do Património Artístico e Cultural da Bahia, Editora Corrupio, Salvador

p. 31, Colecção do Museu de Arte da Bahia, Salvador

p. 33, Estampa sem indicação de autor

p. 35, Gómez, Francisco Javier Pizarro, Arquitectura Y Urbanismo en Trujillo (Siglos XVIII y XIX), Ed. Construcciones Abreu, S.A. - 2005

O Centro de Estudos de Sociourbanismo agradece a autorização para reprodução de imagens às Edições 70, Lisboa; Instituto do Património Artístico e Cultural da Bahia IPACA; e Directora Sílvia Athayde do Museu de Arte da Bahia, Salvador

Projecto desenvolvido pelo Centro de Estudos de Sociourbanismo (integrado na Unidade de Estudo e de Investigação em Ciências Sociais Aplicadas, FCT – ID: 462) nos anos lectivos 2003/2006, no âmbito do Curso de Licenciatura em Urbanismo e do curso de Mestrado em Urbanismo.
